

Março 2019

fato e razão

105

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo Nascimento
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

CIÊNCIA

Simplemente cidadãos de um mundo
sem fronteira _____ 46
Carlos Magno da c. Maranduba

CULTURA

Mediterrâneo, nosso ovo de
páscoa _____ 26
Anna V. Mautner

EDUCAÇÃO

Bata, filho, eu te ensino como é _____ 12
Daniela Arbex
Para quem pensa que escola é prédio _____ 33
Vera Iaconelli

ESPIRITUALIDADE

Feliz Páscoa _____ 30
Política do luto _____ 41
Alexandre M. Cabral

Francisco e Imã sobre fraternidade _____ 55
Papa Francisco

FILOSOFIA

Tempo para pensadores _____ 48
Cristiano Frapf

MEIO AMBIENTE

Meio ambiente não existe _____ 28
Sérgio B. Vianna

POLÍTICA

Democracia na atualidade _____ 16
Ricardo Lewandovski

RELACIONAMENTO

Decálogo do Bem-Viver _____ 64
Você almeja viver sem conflitos _____ 50
Deonira Viganó

RELIGIÃO

A espiritualidade de Teilhard du Char-
din...5 _____ 8
Ursula King

Eclipse de Deus na Modernidade _____ 18
Mário Betiato

Esperança e reconciliação _____ 4
Pe. Manu

Programa Nacional de Formação a
Distância - Tema 2 - Mod. 4
Secretariado Estadual; MG _____ 36

Serão salvos apenas 144.000 _____ 44
Itamar Bonfatti

SOCIEDADE

Comunicação política hoje é casa
e porão _____ 14
Ronaldo Lemos

Intuições morais... _____ 24
Reinaldo José Lopes

Aos 80 _____ 53
Anna V. Mautner



Pe. Manu

Foi na reunião do ELA em Maracaíbo (Venezuela) uns 3 ou 4 anos atrás que nós perguntávamos aos Mfcistas Latino americanos, como poderíamos ajudar à Igreja como Movimento. Foi quando expus a ideia das Escolas do Perdão e Reconciliação que eu tinha conhecido já em Bogotá (Colômbia) e em São Paulo - SP e que nos outros países latino-americanos também existiam já.

A minha intenção ao apresentar estas escolas (ESPERE) é a de oferecer as Equipes Base do Movimento e outros leigos, a formação necessária e elementos para serem agentes do Perdão e Reconciliação e desenvolver e fomentar, nas dioceses, nossas paróquias, escolas, movimentos, faculdades, pri-

sões etc., a CULTURA DA PAZ que a Igreja (Povo de Deus) tanto precisa e da qual nos pedem não só a hierarquia, mas a sociedade e o mundo. Ouvindo o apelo de Cristo e a voz da Igreja, como movimento que evangeliza a Família, não podemos ficar de ouvidos surdos frente este desafio. Nós já colaboramos em diversas Pastorais da Família, nas nossas paróquias, nas nossas Sedes, com a preparação de cursos de noivos, grupos de Jovens, na catequese e Liturgia...etc. Tudo isto é importante... mas talvez devíamos oferecer como MFC "alguma coisa a mais"... uma coisa que outros movimentos não conseguem oferecer de maneira pedagógica e sistemática, isto é, ensinar a Perdoar, como elemento constitutivo do AMOR dentro e fora da família.

Sabemos que a maior taxa mundial de homicídios corresponde a homens com idade entre os 15 e 29 anos. No Brasil existe uma população carcerária ao redor de 750.000 pessoas.

Os maus tratos físicos, sexuais e psicológicos não nos levam diretamente a morte, porém afetam a saúde e bem-estar de milhões de pessoas, que passam a apresentar doenças, elevando em muito as despesas familiares e governamentais.

Por outra parte a violência social é uma conduta adquirida inicialmente no ambiente doméstico, através das atitudes agressivas dos pais, dos maus tratos às crianças e, em geral dos comportamentos violentos usados pelos membros da família.

Aumenta cada dia o número de suicídios. Se cultiva a raiva e o ódio pela vida, contra si mesmo, contra a sociedade, e contra tudo o que é diferente a nós.

Já ficou provado que as crianças que ficam expostas à violência, como vítimas ou testemunhas, tem maior probabilidade de repetir atitudes semelhantes, quando adultos.

Não conseguir lidar com as emoções, principalmente com a raiva, ocorre quando não conhecemos os mecanismos para transformar ódios, rancores e desejos de vin-

gança. Essas são as causas mais comuns de todo tipo de violência.

Considero que devemos trabalhar o Perdão e a Reconciliação no interno da nossa Família biológica e ao exterior, na grande Família Humana. O perdão está intimamente ligado ao Amor conjugal, à família e a todo tipo de relações, seja na Igreja seja no mundo. Por isso que PERDOAR é uma maneira de situar-se na sociedade e no mundo.

Se você sente a necessidade de ser perdoado, de perdoar porque foi ou está ferido, espero que os cursos das Escolas do Perdão te ajudem, porque apresentamos um caminho claro para você se libertar dos grilhões do passado e te ajude a tocar tua vida para frente. Porque meus queridos quando testemunhamos o mal e o sofrimento que causamos, quando pedimos aos outros que nos perdoem e os compensamos, quando perdoamos e restauramos nossos relacionamentos, retornamos a nossa natureza inerente.

Mas porque somos cristãos e MFCISTAS, este "suposto saber" e "apreender a perdoar", não pode ficar só para nós e nossas famílias. Pelo fato de ser MOVIMENTO devemos estar sempre a caminho, sempre em missão,

sempre como “Igreja em saída”, como “MFCISTAS em saída”, deixando nosso lugar de conforto (Papa Francisco).

Meus queridos quem fica no lugar de conforto, não caminha... não produz fruto... não se renova, seus talentos são enterrados muitas vezes nas sacristias da Paróquia, nas liturgias muitas vezes estéreis e que não mudam nada e a ninguém e a sua Fé fica seca.

Devemos acreditar que TODOS somos filhos de Deus e por tanto nossa natureza é a bondade de nosso Pai comum. Pecamos muito, mas a nossa natureza é essencialmente boa.

O perdão é o modo como devolvemos o que nos foi tirado e restituímos o amor, a bondade e a confiança que se perderam. O perdão não é nada menos do que o modo como trazemos paz a nós mesmos e ao mundo. Por isto assumimos este desafio como MFC. Porque somos cientes de que aqueles que precisam do perdão somos nós, mas também devemos saber perdoar o mal que nos fizeram. O MFECISTA deve saber que ninguém nasce criminoso, ninguém nasce cruel, que não existe isso da “índole”. Nascemos inteiros, mas a vida as vezes faz que a inteireza se quebre. Somos de barro...TODOS! Mas

sabemos que o caminho do perdão pode ser um caminho difícil de trilhar.

Diz um provérbio: “Nada é fácil para os que não estão dispostos. Para os Mfecistas a transformação é possível porque Deus está a nosso lado nesta jornada do perdão e reconciliação”. Uma vez que estamos decididos a perdoar, nos adentraremos na grande aventura do coração amoroso, e misericordioso de Jesus Cristo. Deus pode tocar nosso coração e podemos apreender a perdoar.

Estes cursos são vivenciais, quer dizer que através de dinâmicas psicossociais nos vemos envolvidos no conhecimento das nossas feridas ainda mal curadas, das nossas mágoas e raivas e descobrimos aos poucos os caminhos para sarar e ser livres delas.

As ESPERE estão dirigidas a todos, crianças, jovens ou adultos. Todos podem se beneficiar da arte de apreender a perdoar. Todos somos chamados porque todos sentimos raiva. A raiva é uma emoção que acontece com todos. Não é nem boa nem ruim, é uma emoção que aparece sem você pedir e é importante que seja manejada adequadamente. O importante é sabermos o que vamos fazer com ela, já que é necessária para nosso bem-estar. Até Jesus sentiu raiva e a transformou

em compaixão perdão e amor pela humanidade.

Esta dimensão do perdão e da reconciliação devem fazer parte integrante dos MFCistas porque corremos o perigo de confundir a espiritualidade com as práticas de piedade (missa, terço, novenas, procissões... etc), fazendo dela algo distante da nossa vida, ou fora do nosso mundo e do cotidiano. A espiritualidade pelo contrário é o mais profundo da pessoa humana e de onde emana SEMPRE a ação, o movimento, as motivações últimas, o seu ideal, seus sonhos, a mística pela qual vive e luta, sua paixão que conta-

gia os demais. Diremos então que o espiritual é a presença do Espírito na pessoa, que te tira do lugar de conforto e te leva, muitas vezes onde não queres ou não pensavas ir.

Sendo assim o objetivo definido pela dimensão espiritual do programa ESPERE busca contribuir para que os indivíduos, as famílias e grupos de base, bairros, escolas e outras associações cultivem uma mística e fortaleçam sua ideia de um futuro cheio de entusiasmo para construir a convivência mesmo com diferenças, na Paz e na Justiça. Que Deus Misericordioso nos ajude nesta missão.

Pe. Juan Manuel Rodríguez Martín
Missionário Comboniano do Coração de Jesus
Assessor Eclesiástico MFC de Fortaleza – CE
Endereço eletrônico: jmrm400@gmail.com

Olha devagar para cada coisa. Aceita o desafio de ver o que a multidão não viu. Em cascalhos disformes, estranhos diamantes sobrevivem solitários.

Padre Fábio de Melo



PENSADOR





A ESPIRITUALIDADE SEGUNDO A VISÃO DE TEILHARD DE CHARDIN - 5

Ursula King*

O NÚCLEO DA FÉ TEILHARDIANA

Em meu livro, citei trechos de sua obra em que Teilhard se refere ao poder e à necessidade cada vez maior da fé no mundo de hoje. Para ele, a fé era multifacetada e consistia em diversos estágios. Não é uma crença cega, pois está ligada à inteligência e ao conhecimento. Por "fé" Teilhard entendia qualquer "aderência de nossa inteligência a uma visão geral do universo. A característica essencial do ato psicológico de fé é... ver como possível e aceitar como mais provável uma conclusão que, por envolver tanto em espaço e tempo, vai além de todas as suas premissas analíticas. *Acreditar é realizar uma síntese intelectual...* Tudo a nosso redor, toda vida nasce de outra

vida, ou de uma 'pré-vida'... De maneira semelhante, sustento que, no domínio das crenças, *toda fé nasce de uma fé*. Essa forma de nascimento... não exclui o raciocínio... *Acreditar é desenvolver um ato de síntese cuja primeira origem é inapreensível!*

Teilhard queria despertar as pessoas, tomá-las mais conscientes, a fim de que pudessem experimentar "o semblante do mundo" dentro de si e reconhecer nos traços do grande cosmos as feições de Deus. A seu ver, a atual crise de fé, de certezas, é parte de um imenso processo que tende a um **novο despertar** nas mentes e nos corações das pessoas, processo esse profeticamente previsto por ele. Segundo Teilhard: Para atingir sua plena medida, ele [o ser humano] **precisa conscientizar-se de sua infinita capacidade de ir ainda mais**

além; deve se dar conta das tarefas que isso envolve e sentir seu inebriante fascínio. Tem de abandonar todas as ilusões de seu estreito individualismo e superar-se, intelectual e emocionalmente, alcançando as dimensões do universo: mesmo que sua mente sinta vertigem diante da perspectiva de sua nova grandeza, ele deve pensar que já se encontra de posse do divino, do próprio Deus, ou que ele mesmo é o artífice da divindade.

São palavras extraordinárias, principalmente quando associadas a nosso atual conhecimento a respeito das dimensões do universo, mas também quando situadas no próprio contexto em que foram escritas. Teilhard expôs essa visão durante a semana da Páscoa de 1916, nas trincheiras de guerra situadas perto de Dunquerque. Levando em consideração esse contexto, não poderíamos compreender essa declaração senão, a exemplo do que ele próprio fez, como uma “apaixonada profissão de... fé na riqueza e no valor do mundo”, mas um mundo energizado e ativado, criado, sustentado, impelido para a frente e para o alto pela incomensurável e inescrutável potência e presença do Espírito. Muito tempo depois, poucos anos antes do fim da vida, Teilhard reafirmou sua

fé “na diafania do Divino no coração do universo em chamas” e do “Cristo. Seu coração. Um fogo”, capaz de penetrar em todos os lugares e de se propagar gradualmente por toda a parte.

Como seu famoso compatriota Blaise Pascal, Teilhard enfatizou o primado do coração sobre a razão, do amor e do sentimento em nosso conhecimento acerca de Deus. Tal conhecimento deriva mais de uma profunda experiência, de um encontro místico com Deus, do que de uma abstrata formulação teológica, que não teria produzido a incandescente visão que o impelia. Quando Pascal morreu, em 1662, foi encontrada, cerzida ao forro de sua roupa, uma anotação que, em tons comoventes, descreve sua poderosa experiência espiritual com as seguintes palavras:

FOGO

Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, não dos filósofos e dos sábios.

Certeza, certeza, sentimento, júbilo, paz.

Deus de Jesus Cristo.

Teu Deus será meu Deus

*Essa é a vida eterna,
que eles te conheçam como
o único verdadeiro Deus,
e aquele que enviaste,*

Jesus Cristo.

Teilhard deixou um documento semelhante ao morrer, não costurado no forro de suas roupas, mas em cima da mesa. Era um retrato do radiante *coração de Cristo*, em cuja frente e verso ele escreveu de próprio punho: "Minha Litania" Em termos veementes, fala de Deus, de Cristo e do cristianismo, de Jesus e de seu coração. Gostaria de citar algumas passagens dessa litania:

O DEUS DA EVOLUÇÃO

*O Crístico, o Sagrado
Coração do Cristo, do Trans-
Cristo... o motor da evolução
o coração da evolução
o coração da matéria*

*O coração de Deus... do
deleite do mundo. O dínamo
do cristianismo... a essência
de toda energia*

*Coração do coração do
mundo. Foco da energia su-
prema e universal
Centro da esfera cósmi-
ca da cosmogênese.*

*Coração de Jesus, coração
da evolução, une-me a ti.*

Essa litania sintetiza a fé de toda a vida de Teilhard, a fervorosa crença de que o mundo possui um coração, um centro. O imenso processo cósmico do vir-a-ser tem um foco, um polo, e o fogo divino do coração e do amor de Deus fornece todo o deleite e a energia de

que o mundo precisa. A essência dessa energia é ativada e pode ser transmitida por meio do cristianismo, do fogo e do poder da fé cristã, cujo potencial para amar, para "amorizar" o mundo, deve se inflamar. Teilhard vê o cristianismo como a religião da evolução por excelência, e seu Deus como o "Deus de evolução". Em 1953, dois anos antes de morrer, escreveu uma pequena nota sobre esse "Deus de Evolução" na festa de Cristo Rei.³⁷ Nesse texto, Teilhard começa por afirmar que, infelizmente, o cristianismo com frequência parece intimamente ligado a pessoas que pertencem mais a grupos retrógrados e subdesenvolvidos do mundo atual. Entre os segmentos de fiéis, e mesmo nas ordens religiosas, "o cristianismo ainda oferece, de certa forma, um *refúgio* para a 'alma moderna', embora já não lhe proporcione nem *vestimenta*, nem *satisfação*, nem *orientação*. Alguma coisa não está funcionando bem - portanto, no campo da fé e da religião, algo deve ser suprido sem demora neste planeta. O que estamos esperando então?"

Teilhard estava buscando um Deus de evolução, um Deus cuja imagem fosse compatível com as complexas dimensões de nosso universo; um Deus que não se mantivesse à parte, que não fosse um princípio movente, mas estivesse profun-

damente envolvido com todo o processo cósmico, do qual somos parte integrante; um Deus verdadeiramente vivo, que está conosco aqui e agora, totalmente encarnado na matéria e em todo o vir-a-ser. Para ele, a essência do cristianismo é uma crença na unificação do mundo em Deus por meio da encarnação. Por causa dessa crença fundamental, Teilhard via o cristianismo - não o cristianismo ocidental como o conhecemos, mas um cristianismo *muito mais* inclusivo e abrangente - como uma "religião de ação", uma religião de evolução, uma religião do futuro.

A evolução é um evento em marcha, e a vinda de Cristo também é um contínuo processo e evento, um "advento crístico", que ainda não chegou a um fim nem encontrou sua verdadeira consumação. Como escreveu ele em 1953.

Em um universo no qual já não podemos defender seriamente a ideia de que o pensamento é um fenômeno exclusivamente terrestre, o agir de Cristo não deve mais se limitar, *constitucionalmente*, à mera "redenção" de nosso planeta...

Aos olhos de todos os que estão atentos à realidade do movimento cósmico de complexidade-consciência que nos produz, Cristo, tal como ainda apresentado ao mundo da teologia clássica, é a um só tempo astronomicamente muito confinado (localizado) e evolutivamente muito extrínseco para poder "cefalizar" o universo tal como o vemos agora.

Quem é Cristo então para Teilhard? O que é o evento crístico? Analisemos agora a concepção teilhardiana de Cristo, bem como sua ênfase sobre a importância central de Cristo para o cristianismo hoje.

(continua na próxima edição)

Ursula King é Professora e Chefe do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol, Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – Trecho da obra "Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin". São Paulo. Paulinas, 2002.



Quanto mais alta a árvore for, mais fundo ela irá simultaneamente. Quanto maior a árvore, maiores serão suas raízes. Na verdade, sempre ha uma proporção. Esse é o seu equilíbrio.

Osho



BATA, FILHO. EU TE ENSINO COMO É

■ Daniela Arbex*

Emile Durkheim, o criador da sociologia da educação, sempre defendeu que a socialização da jovem geração é feita pela geração adulta. Para o francês, o papel da ação educativa é formar um cidadão que tomará parte do espaço público. Considerado um dos mentores dos ideais republicanos de uma educação pública e laica, o sociólogo falava sobre o peso da escola na formação da criticidade do aluno. Parceira fundamental no processo de aprendizagem, a escola ajuda a construir caminhos, mas não conseguirá ensinar sozinho os valores que a criança não aprendeu em casa.

A cena na qual um pai no Distrito Federal segura um menino de 6 anos para que seu filho possa bater nele chocou o país pelo tamanho da covardia. No episódio, registrado por câmeras de segurança, os dois meninos joga-

vam bola juntos, quando um deles - o que seria obrigado a se tornar agressor -, cai sozinho durante um drible e bate o queixo no chão. Machucado, o garoto deixa a quadra e relata para o pai a sua versão da história. Em alguns minutos, um homem visivelmente alterado entra na quadra, segura o garoto e determina que o filho o agreda. A esposa desse homem também invade a quadra e empurra o menino, após gritar com ele.

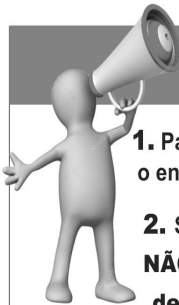
O que chama atenção nesse flagrante doloroso de desamor não é apenas o uso desigual e irracional da força, mas o simbolismo no gesto de um pai que não está ali para "defender" um filho, mas para ensiná-lo que não há limites e que a saída para qualquer dificuldade é a violência. Quando crianças se tornam agressivas, arrogantes e desconfiadas, é preciso analisar o ambiente em que elas vivem. Ensinar um filho a se defender na vida não exige domi-

nar técnicas de ataque, mas instrumentalizá-lo para que aprenda a ser justo, íntegro, bom. Mostrar como se bate é a tarefa mais fácil. Difícil é exemplificar a cordialidade, a solidariedade, a ombridade, o espírito esportivo em momentos de vitórias e de derrotas.

Quando a gente olha um gesto desses consegue compreender de onde saíram pessoas que se comportam feito pitbuls diante daqueles que consideram diferentes. Consegue enxergar como nasce a falta de crítica em relação a comportamentos socialmen-

te equivocados de seres humanos que são incapazes de aceitar algum tipo de não. O triste nessa história é que filhos de pais assim poderão aprender da pior forma que não se conquista nada no grito. Quanto mais força a gente emprega ao jogar uma bola contra a parede, com mais força ela voltará, certa, na nossa direção. Não se trata de mais sorte ou azar. Ação e reação é lei da vida.

*Daniela Arbex é Repórter
Transcrito da Tribuna de Minas*



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3214.2952**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC: **livraria.mfcgmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em mantê-lo como assinante.





Comunicação política é hoje casa e porão

Ronaldo Lemos*

Uma boa metáfora para explicar a comunicação política na internet no mundo de hoje é a arquitetura da casa em que morava o maníaco austríaco Josef Fritzl.

Para quem não se lembra, ele protagonizou o bárbaro crime de manter a filha em cativeiro por 24 anos no porão de casa, tendo abusado e engravidado a vítima várias vezes nesse período. Tudo isso sem que os vizinhos, as autoridades e sua própria mulher desconfiassem.

Essa estrutura casa-porão é o que se tornou a comunicação política desde que a in-

ternet passou a ser utilizada como ferramenta de manipulação nas democracias ocidentais.

Vale lembrar que Fritzl, no plano da casa, era um cidadão respeitado, engenheiro, querido pelos vizinhos. Comportava-se como um cidadão típico, respeitador das leis, da moral e da ordem.

No entanto, no porão da casa, agia como um monstro, cometendo no conforto do anonimato crimes indizíveis de forma contínua e perversa.

Hoje, a comunicação política é também bipartida assim. No seu lado casa, estão as mensagens típicas do que se espera das agremiações par-



tidárias. Planos de governo, propostas, comunicados ao público, mensagens oficiais, debates, tudo dentro dos limites do razoável, do que se aceita “em sociedade”.

Só que nenhum aparato de comunicação política contemporâneo está completo sem o seu porão.

Esse porão é o território do vale-tudo da internet. Onde prosperam os robôs, os perfis falsos, o anonimato, as notícias falsas, o uso de poder computacional, a propaganda que jamais teria lugar “à mesa da sala”.

Esse porão virtual mistura política, pornografia, violência, religião e ignorância.

Esse tipo de conteúdo alimenta parte significativa das mídias sociais consumidas por inúmeras pessoas.

Todos os dias há 70, 100, 200 novos vídeos, fotos, textos, animações, figuras ou montagens produzidas com essa mistura indigesta e servida como parte da dieta de mídia da maioria das pessoas no planeta.

Em alguns lugares do mundo, esse tipo de comunicação já produz genocídios, linchamentos, atentados e outros sintomas de erosão civilizatória. Não por acaso um dos grandes usuários desse modelo de comunicação foi o Estado Islâmico.

O Brasil, por exemplo, acabou de passar por um processo eleitoral em que casa e porão se fizeram presentes com respeito a diversas correntes políticas. Terminada a eleição, essa estrutura se mantém.

Entramos em um mundo em que a campanha eleitoral nunca termina, perpetuando a estratégia de bipartição.

Como o caso Fritz demonstra, é impossível manter a separação desses mundos por muito tempo. O porão vai cada vez mais disputar o espaço da casa. Mais do que isso, progressivamente ele vai contaminá-la.

Coisas que antes eram aceitas só na obscuridade vão se tornando aos poucos permitidas aqui também.

Essa esquizofrenia institucionalizada vai minando a ideia de verdade, ou ainda, de certo e errado. Para combater esse fenômeno, primeiro é preciso estar consciente dele.

Mais do que isso, é preciso encontrar novas formas de produzir sentido que apontem na direção oposta do baixio da psique humana.

Ronaldo Lemos é Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro.

Transcrito da Folha de São Paulo

Democracia na atualidade



Ricardo Lewandowski*

Nesta quadra difícil pela qual passam o país e o mundo, em que a violência real ou simbólica contra supostos inimigos e aqueles que pareçam diferentes cresce dia a dia, potencializada por ódios e incompreensões de toda espécie, é preciso retomar a discussão acerca da democracia.

Embora do ponto de vista etimológico signifique simplesmente governo do povo, ela expressa uma ideia muito mais densa, plasmada que foi por lutas multisseculares contra a tirania e a opressão.

Alguns, ainda apegados a concepções do século 18, definem-na como um regime que limita o exercício do poder. Outros, buscando aperfeiçoar sua prática, fazem-na corresponder a certo modo de governar ou escolher os governantes.

Dalmo Dallari, revisitando o tema, identifica três questões que merecem ser mais bem debatidas.

Primeira: como fazer com que prevaleça efetivamente a supremacia da vontade do povo?

Segunda: como evitar que a liberdade prepondere sobre a igualdade ou vice-versa?

Terceira: como evitar que a democracia seja identificada com determinada forma ou sistema de governo?

Quanto à primeira, constata-se que continua necessário aprimorar os instrumentos legais e políticos existentes para garantir a livre expressão e manifestação da vontade dos cidadãos. Não basta apenas assegurar o voto direto, secreto, universal e periódico, sendo essencial resguardá-lo contra quaisquer interferências espúrias, especialmente as levadas a efeito pelas hoje

onipresentes mídias eletrônicas, ressalvada a legítima divulgação de dados e opiniões.

No tocante à segunda, sabe-se que tanto a liberdade ilimitada usufruída só pelos economicamente privilegiados, tal como a igualdade levada a extremos em favor dos menos aquinhoados, termina por sufocar uma das duas. A história evidencia que o aumento desmedido de um desses valores ocorre sempre em detrimento do outro, cumprindo encontrar-se um meio termo entre ambos.

Com referência à última, a experiência mostra que monarquias ou repúblicas, bem assim parlamentarismos ou presidencialismos, são equivalentes em virtudes e defeitos, revelando-se ou mais ou menos compatíveis com os ideais democráticos a depender do local ou momento em que vigoram. O mesmo ocorre com as distintas metodologias eleitorais, que se resumem a técnicas alternativas de captação do sufrágio popular.

Por essas razões, quem co-

gita de democracia atualmente, seja qual for a respectiva inclinação ideológica, há de ter como ponto de partida a plena fruição dos direitos fundamentais, compreendidos em suas várias gerações ou dimensões; a saber, direitos individuais e sociais, além dos denominados direitos de fraternidade ou solidariedade, dentre os quais sobressai a defesa do meio ambiente.

Democracia assim entendida abrange ainda o princípio da proibição do retrocesso, contemplado na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, promulgada pela ONU, a qual enumera – mas não esgota – as franquias essenciais para uma convivência minimamente civilizada entre as pessoas, sobretudo em se tratando da proteção de minorias e grupos vulneráveis.

Ricardo Lewandowski é Ministro do Supremo Tribunal Federal e professor titular de teoria do Estado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Transcrito da Folha de São Paulo



Pela intimidade, pelo amor, por se abrir a muitas pessoas, você se torna mais interessante. E se puder viver um amor profundo, uma amizade verdadeira, uma intimidade generosa, com muitas pessoas, você terá vivido da melhor maneira possível e, onde quer que esteja, se tiver aprendido essa arte, viverá assim ali também, com felicidade



A ECLIPSE DE DEUS NA MODERNIDADE

INTRODUÇÃO

Eclipse acontece quando algo se interpõe entre o sol e a terra. Num eclipse, a luz do sol não deixa de brilhar, mas é ofuscada. Então aparecem sombras, no início como penumbra até o momento da escuridão total. Depois, naturalmente, o fenômeno vai dando lugar novamente para a luz do sol. É preciso salientar que a ocorrência de eclipse, pressupõe a existência do sol e que a eclipse não se dá no sol. Ela acontece somente na terra e em certas épocas. E o sol está alheio a isso. Ele está no seu silêncio.

Essa metáfora representativa de eclipse pode ser entendida na história da huma-

nidade como a relação entre as culturas e Deus. Existem momentos na história das civilizações, que Deus desaparece por inteiro. Se recorrermos ao primeiro versículo da Bíblia (Gn. 1,1), o texto narra cinco palavras que caracterizam um mundo (eclipsado), sem Deus: vazio, escuridão, trevas, abismo, caos. Na história da humanidade, períodos onde prevaleceu o ateísmo, onde Deus foi ofuscado, foram períodos turbulentos, de incertezas, caóticos. E quando a "eclipse" passou, vieram tempos esplêndidos que deixaram rastros de eternidade nas civilizações que nos precederam. A arqueologia sustenta que o declínio das grandes civilizações está relacionado com a escuridão

da “eclipse de Deus”: Observemos o Império Romano, a Babilônia, os Egípcios, e a perversão de Sodoma e Gomorra na narrativa mitológica da Bíblia (Gn. 19). Sugiro um estudo mais demorado das causas profundas da ascensão e declínio dessas civilizações.

O famoso pensador e esteta alemão Johann Goethe (1749 – 1832) dizia que “o conflito entre ateísmo e teísmo consiste num problema de fundo no pensar humano de todos os tempos”.

1. A eclipse da Modernidade

Conceituamos aqui, modernidade enquanto paradigma, isto é, os últimos quinhentos anos da história, o que agora está dando lugar para outro paradigma, que está sendo chamado de pós-modernidade.

Filosoficamente, o ateísmo é uma postura corajosa e respeitável, compreensível, principalmente em períodos de tragédias e sofrimentos. É um debate filosófico onde o cren-te procura argumentar porque acredita e o ateu porque não acredita. Porém, o ateísmo contemporâneo se tornou vulgar, irônico, banal, sem racionalidade. Em outros tempos o debate foi mais inteligente. A controvérsia hoje está se dando em outras plataformas, sem filosofia e com carência de uma ética para o ateísmo (se é que existe uma filosofia

na pós-modernidade). A crise é muito grave eo mundo não percebe a armadilha, até porque diante desse ateísmo, a Teologia, ao invés de reelaborar sua hermenêutica, ficou numa postura defensiva, sem diálogo e sem protagonismo. Os que creem acham que viver sem Deus se tornou normal. É a cumplicidade de uma teologia fraca e acuada.

O exílio de Deus então abre caminhos para substitutos, que são os fetiches ou idolatrias, para acalmar os espíritos e dar um sentido para a existência. Há uma generalizada consagração a Dionísio ou Baco (deuses mitológicos da Grécia e da Roma antigas), deuses da festa e da embriaguez, que se tornam o grande refúgio de um mundo em desespero, que exhibe neste início de século, um milhão de suicídios por ano. As futuras gerações certamente pagarão o preço dessas opções mesquinhas e doentias.

Deuses frágeis rondam o ocidente moderno. Há excesso de deuses e carência de Deus. Há um politeísmo exagerado na modernidade em crise, assim como foi na pré-história, lá nas cavernas, antes da escrita, quando o ser humano precisou criar deuses para explicar alguns fenômenos naturais que não compreendiam. O politeísmo hoje possui nomes muito naturais: dinheiro,

ideologias, ditaduras e até greves de fome inconsequentes como eram os “jejuns e sacrifícios” na pré-história para impressionar seus deuses e obter alguma vantagem imediata. As feridas sociais crescem na proporção em que se aprofunda a busca de substitutos para Deus: droga, violência, miséria, desemprego, vandalismo, rebeldia sem causa, degradação ambiental. Tudo isso tem a ver com valores perdidos que outrora tinham alicerces numa teologia profunda, numa religião sadia e numa filosofia política verdadeiramente humanista.

Cresce o Niilismo como doutrina filosófica (Niilismo é aniquilamento, pessimismo, negação, nada, tudo é por acaso), expressão explorada por Nietzsche e seguida pelos filósofos existencialistas que não possuem nada para dizer (é opinião do autor que aproveita chamar os existencialistas para uma conversa sobre o tema).

O antropocentrismo (homem no centro do universo) egocêntrico se tornou desumano. E falta humanismo porque falta Deus. O homem moderno quis ser Deus, criou outros deuses para imitar, e esqueceu que é humano. Não conseguindo ser Deus, e então distante de ser humano, sobrou o Niilismo, o nada, o vazio, o abismo, o caos. “Esta

pedra já foi cantada” na narrativa bíblica mítica da criação quando a cobra diz para Eva: “se comerdes do fruto sereis como Deus” (Gn. 3,5). O fruto foi comido e a consequência é o Niilismo (aniquilamento). Esse Niilismo atinge inclusive as instituições: Estado, Igreja, Família. A doença do Niilismo afeta a saúde da civilização, porque os governos não pensam para além de seus mandatos. Tudo é efêmero.

2. Bases conceituais filosóficas da eclipse de Deus na modernidade

A filosofia ocidental moderna tem sua base no Iluminismo que plantou as sementes de uma hipotética sociedade humana perfeita, emancipada da Teologia e da Igreja, o que deu sustentação para a Revolução Francesa e o consequente “progresso” moderno. Os pensadores principais foram: Voltaire na França (1698 - 1780), Rousseau na Suíça (1712 - 1778) e John Locke na Inglaterra (1632 - 1704). Foi um século de “luzes”, o que hoje pode ser entendido como base de sustentação para um paradigma de “trevas”.

Depois que os racionalistas do Iluminismo puseram a “deusa razão” no sacrário das catedrais, toma vulto a filosofia de Emanuel Kant (Prússia 1724 - 1804). Kant disse

que a razão, e somente ela, é o juízo da conduta e da ética humanas. Ele foi seguido por Hegel (Alemanha 1780 – 1831) que falou a mesma coisa em outras palavras: “a subjetividade e a consciência são os autoreguladores”. A partir de então tudo começa a ser válido e a ausência de Deus atinge a arte, a política, a filosofia, a literatura e principalmente a ética. Sem Deus, foi a liberdade anárquica do ser humano que comandou a história.

Na sequência, quem mais influenciou o mundo com o ateísmo e o pensamento niilista foi Friedrich Nietzsche (Alemanha 1844 - 1900). É ele quem declara “a morte de Deus”. Nietzsche é o ponto alto de uma filosofia desalmada. Criou um “super-homem” furioso contra o cristianismo, mas que não soube o que fazer com o mundo. Nietzsche foi um gênio do ateísmo que dedicou toda sua obra para destruir Deus (o leitor não acha que é algo estúpido gastar todo o tempo com algo que não existe?). Para Nietzsche e seus seguidores a religião é uma questão de higiene. É necessário se limpar dela.

Eis, portanto, o cardápio da ceia moderna: racionalismo, niilismo, fim das utopias, pobreza de espiritualidade, fragmentação do conheci-

mento, perda de sentido, narcisismo (Narciso é o personagem mitológico que só olha para si mesmo). Narciso só se interessa pelos espelhos.

O progresso moderno com base nas concepções do Iluminismo criou empobrecidos na sociedade e abriu espaço para ideologias das mais diversas (O Comunismo de Stálin, o Liberalismo de Adam Smith, o Nazismo de Adolf Hitler, Fundamentalismos e Racismos) e a liberdade europeia para o extermínio de populações nativas no processo de colonização dos países “descobertos”. Sem ética e em nome do “progresso” invadiram e dominaram o mundo. E de herança, no século passado, a “sobremesa” de duas guerras mundiais. Vamos nos orgulhar de que?

A última dose de veneno ou o pretense “tiro de misericórdia” é recente. Vem da Filosofia de Jean Paul Sartre (França 1905-1980), um dos filósofos contemporâneos mais estudados, com sua principal obra “O ser e o nada” e seu famoso axioma “a existência precede a essência” (de onde vem existencialismo). Sartre afirmou que não há nada de essencial no ser humano que não seja fruto do seu processo vivencial ou da sua própria constituição natural. Não existe uma essência que seja um referencial para

a existência. O que existe é a é o “ser” e daí a liberdade para tomar o rumo que quiser. Contrariou outro axioma de Dostoiévski (Rússia 1821–1881): “Se Deus não existe, tudo é permitido”.

É em meio a esse caldeirão racionalista que se desenvolve a ciência moderna, proporcionou a técnica de onde nasce a indústria que gera o lucro da ideologia capitalista perversa em ritmo de barbárie. Deus está morto. E sem falar de Marx porque a encrenca de Karl Marx não era tanto com Deus. Foi com a religião, o que lhe dá certo mérito. Ele dizia que a religião era uma das colunas que sustentava o capitalismo. Essa discussão deve permanecer em aberto.

Esta é a tese e a flecha tem dois alvos precisos: a pobreza da Filosofia contemporânea e a fraqueza da Teologia no diálogo com a ciência.

E façamos justiça com os cientistas. É bom observar que na ponta de lá da ciência, os cientistas clássicos nunca alavancaram a hipótese da inexistência de Deus: Galileu (dizia que Deus fala a linguagem matemática); Kepler (afirmou que a geometria ofereceu a Deus um modelo para a criação); Newton (falou: “do meu telescópio eu vejo Deus caminhando”); Copérnico (louvava a Deus pelas suas descobertas); Einstein

(sustentava que “a linguagem de Deus é difícil de decifrar”), enfim, todos eles, consideram a harmonia das leis da natureza como atributos divinos. E esta é a denúncia: o obscurantismo da filosofia moderna é um crime. Não contra a lei. Contra a humanidade.

3. Mas muito embora ainda seja escuro, já há sinais de claridade

Não se trata aqui de fazer apologia ao ateísmo. O que se busca é uma maior inteligência e um debate histórico-crítico aberto e sem preconceitos. O Jacó da Bíblia desafiou Deus, brigou com Deus, mas não suprimiu o adversário. Foi um ato de fé (Gn. 32, 22-32).

De onde vem alguma clareza nesta noite escura, então? Na filosofia começa com Habermas que é tido hoje por muitos como o mais importante filósofo vivo do mundo. Jürgen Habermas em seu livro: o Pensamento Pós-metafísico diz: “estou convencido que a sociedade não pode entender os conceitos de moralidade, ética, individualidade, liberdade e emancipação, sem recorrer à ideia de salvação de origem judaica cristã”.

Na ciência, os pais da física quântica, Heisenberg e Nils Bohr também desconsideram a falsa pretensão da filosofia nietscheana, e afirmam que a ciência e a religião são janelas diferentes e

complementares no entendimento da realidade. Uma é técnica para manusear o mundo, outra é de sentido. Não são excludentes. Mas antes deles, Albert Einstein que dispensa apresentação, já teria dito que "a ciência sem religião é manca".

Uma recorrência também à psicanálise citando dois dos seus maiores expoentes contemporâneos: Victor Frankl e Karl Gustav Jung. "No mais profundo da consciência humana mora o desconhecido", disseram. Então o que percebermos no nível de consciência, é apenas a ponta de um iceberg. É o que Paul Tillich (o mais renomado teólogo protestante) chama de "dimensão perdida, que mora no mais profundo e que precisa ser resgatada como elemen-

to decisivo para a situação da cultura ocidental".

Finalizo sustentando que o problema de Deus não é uma mera curiosidade para satisfazer uma ânsia de especulação filosófica. É sim um problema da humanidade e é o destino da civilização ocidental que está no campo do jogo. O místico cristão São João da Cruz (1501-1551) disse em seu poema Noite Escura que, "ainda é de noite, no dia claro desta noite" e eu acrescento: desta eclipse.

(Em tempo: conferir poema de São João da Cruz (embora seja noite), na canção-Água Viva de Raul Seixas na voz de Osvaldo Montenegro

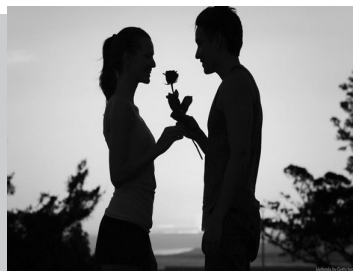
Prof. Dr. Mario Antonio Betiati
www.professormarioemversoepprosa.wordpress.com

Quando duas pessoas que se amam estão abertas uma a outra, quando elas não temem uma a outra e não escondem nada uma da outra... isso é intimidade.

Quando elas podem dizer tudo, sem medo de que o outro irá se ofender ou magoar... Se o ente querido pensa que o outro ficará ofendido, então a intimidade ainda não é profunda o bastante.

É um tipo de acordo que pode ser rompido por qualquer coisa. Mas quando duas pessoas que se amam começam a sentir que não há nada a esconder e tudo pode ser dito, e a confiança chega a tal profundidade que mesmo que um não diga, o outro irá saber, então eles começam a se tornar um.

Osho



Intuições morais, em locais e épocas diferentes, são mais parecidas do que se imagina



Tem gente que gosta de se descabelar por causa do “relativismo” que teria tomado conta do mundo nas últimas décadas (frequentemente é o mesmo pessoal que faz juras de ódio eterno ao “globalismo”, seja lá o que eles queiram dizer com isso).

Para os mais preocupados, estaríamos entrando numa espiral doida de esquecer a diferença entre o certo e o errado, entre o belo e o horrendo. Nas palavras de uma clássica paródia da internet, “essa juventude está muito mudada” — e vai nos levar para o buraco.

Não nego que a preocupação talvez seja positiva, mas temos bons motivos para acreditar que ela ultra-

passa os limites do razoável, ou mesmo os do possível. Alguns podem até dizer, da boca para fora, que tudo é relativo, mas há um núcleo surpreendentemente sólido para as noções humanas do que é correto. As pessoas propõem, no máximo, variações em torno desse núcleo, mas aboli-lo por completo não costuma passar pela cabeça de sujeitos normais.

A existência desse cerne comum da moralidade tem apoio considerável da análise comparativa das mais variadas culturas do passado e do presente, em especial as formadas por CCNs (caçadores-coletores nômades), a “versão 1.0” das sociedades humanas (já que passamos mais de 95% do nosso tempo de existência como espécie

adotando esse estilo de vida).

Segundo tal perspectiva, refinamos nossas noções do certo e do errado tentando resolver os problemas da vida conjunta em pequenas comunidades móveis com tecnologia da Idade da Pedra. Nos últimos 10 mil anos, construímos vilas, cidades e megalópoles, fomos à Lua e rachamos átomos ao meio, mas ainda nos valemos da “caixa de ferramentas” moral muito útil (e, eu acrescentaria, essencialmente verdadeira) dos CCNs.

Em seu livro “The Righteous Mind” (“A Mente Justa”, ainda sem versão brasileira), o psicólogo americano Jonathan Haidt propõe que cinco gavetas básicas formam essa caixa de ferramentas: “cuidado” (para com os mais fracos, crianças etc.); “justiça” (contra trapaceiros); “lealdade” (para garantir que ninguém traia o grupo); “autoridade” (para que líderes sejam obedecidos); e “santidade” (que garante que certas coisas sejam vistas como sagradas).

Para Haidt, a tragédia das polarizações políticas modernas (para usar os termos lamentáveis do debate público brasileiro atual, entre “coxinhas” e “petralhas”, digamos) é que grupos mais à esquerda enfatizam “cuidado” e “justiça”, enquanto conservadores proclamam que “lealdade”,

“autoridade” e “santidade” são igualmente importantes.

Concordo em parte com o diagnóstico, mas acho que ele enfatiza demais as diferenças entre os lados.

De sua parte, conservadores dificilmente vão ser contra “cuidar” de quem passe fome, ainda que questionem se isso é papel do Estado. Do outro lado das trincheiras, esquerdistas não defendem o casamento gay porque querem profanar a “santidade” do casamento hétero, mas porque desejam que algo dessa aura caiba a casais do mesmo sexo (uma aura que também pode estar presente em uniões “seculares”, não religiosas).

O resumo da ópera é simples: ao contrário do que dizem os memes, liberal também é gente; comunista quase nunca come criancinha; a esmagadora maioria dos padres e pastores jamais cogitaria embolsar o dízimo; e raríssimos muçulmanos apelam para o terrorismo (para sorte de todos nós, já que existe 1,6 bilhão deles no mundo).

E isso, como dizia o velho Gandalf, é um pensamento encorajador.

Reinaldo José Lopes é jornalista de ciência e autor do blog 'Darwin e Deus' e do livro 'Os 11 Maiores Mistérios do Universo'.

Transcrito da Folha de São Paulo

Mediterrâneo, nosso ovo de Páscoa



Anna Veronica Mautner*

Tempo de Páscoa. Tempo em que tristeza e alegria se misturam. É também a semana em que teriam ocorrido ao mesmo tempo morte e ressurreição. Mas por que será e como será que surgiu essa transformação em festa do ovo de Páscoa?

O ovo existe antes da vida e, portanto, antes da chegada das mortes. Ovo é vida. Presenteamos com ovos e logo depois choramos por morte na cruz. Tudo de Sexta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa.

Bons e maus podem ser igualmente crucificados. Ser crucificado é ficar paralisado. Cruz é uma "ode" à impotência. Paralisamos os sofredores, bons e maus nessa trílice crucificação.

Como é que o ovo de Páscoa entra nesse evento que

ocorre bem na primavera no hemisfério norte?

Curiosamente é quando o menino Jesus teria sido concebido, para ter nascido no mês de dezembro, e também a época do ano em que foi crucificado.

Existe uma diferença entre vários seres vivos quanto à formação da vida. As aves chocam os seus ovos. Os répteis protegem os ovos em lugares seguros. A força dos mamíferos reside em manter no ventre o óvulo amadurecendo.

Tudo depende de quanto tempo o óvulo leva para amadurecer. A ave nasce quase pronta, o réptil demanda um pouco mais de cuidado no seu amadurecimento.

Os mamíferos nascem prontos, porém incapazes. A capacidade de existir dos mamíferos demora meses para aparecer.

São histórias de nascimento, cada uma bonita a seu modo. O que existe de importante é a comemoração da Páscoa no começo da primavera. Em torno desse fato, temos muitas lendas.

A cultura ocidental irradia-se a partir do "Mare Nostro", essa magnífica bacia mediterrânea que propiciou tantas trocas de lendas e também estabelecimento de uma cultura que hoje já se faz milenar entre o Egito, Roma e Império Otomano. Tudo isso nas margens do Mediterrâneo. Nasce no Mediterrâneo o culto do pensamento, das ideias, dos mitos. Portanto, uma boa parte da mística do planeta.

Tudo começa com um ovo que contém a vida do futuro ser. Hoje sabemos decifrar os genes que compõem o futuro desse ser.

A vida começa indefectivelmente num ovo, um óvulo que contém todo um futuro. Não é por acaso que a Páscoa coincide com a primavera, quando de fato começa o ano que está chegando.

Por motivos que os historiadores devem conhecer, o

começo do ano é em janeiro, que ainda é inverno e não é o princípio de qualquer novo ano. Por que janeiro? Por que o ano não começa na Páscoa?

É uma questão que eu nunca soube responder, provavelmente é muita falta de cultura geral. Mas tudo começou em partes de um ovo (o Mediterrâneo parece um ovo). No ovo que é o Mediterrâneo, que permitiu a ligação entre tantos povos, nasceu aquilo de que mais nos orgulhamos: a cultura ocidental.

O judaísmo. O cristianismo. Claro que existe também a China. Claro que existe também a Índia. Ambos, já neste milênio, bastante influenciados pelo ovo do Mediterrâneo. Eis o nosso ovo da Páscoa. Nosso ovo da primavera. A cultura oriental é riquíssima, ninguém põe em dúvida, mas seu conteúdo não se espalha como o ovo de Páscoa do nosso Mediterrâneo.

*Anna Veronica Mautner é
psicanalista da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de São
Paulo e autora de "Cotidiano
nas Entrelinhas" (ed. Ágora)*

Transcrito da Folha de São Paulo





MEIO AMBIENTE NÃO EXISTE

Sérgio Besserman Vianna*

Terminando a semana do meio ambiente, vale a pena bagunçar um pouco a mente e pensar fora da caixa. Em primeiro lugar, não existe isso de “meio ambiente”. Ou mesmo “ambiente”. Ou environment em inglês e o mesmo em todas as línguas ocidentais. Todas essas palavras expressam “ao redor”, isto é, nós, os humanos e o “ao redor”, a natureza.

Essa separação não existe. Nós somos parte da natureza e vivemos na biosfera com o mesmo grau de dependência do fato de vivermos na atmosfera. Apenas como exemplo, dentro de cada um de nós, há centenas de trilhões de outros seres vivos, e nossa saúde, humor e até capacidades mentais dependem dessa interação.

Cada um de nós é um ecossistema e para muitos pesquisadores essa é uma fronteira da medicina moderna tão promissora quanto as células-tronco, a engenharia de tecidos orgânicos.

Em segundo lugar, embora a humanidade tenha logrado obter imensos poderes, ao ponto de a ciência estar a discutir denominar a nossa era geológica de antropoceno (sobre isso, vale muito uma visita ao Museu do Amanhã, na Zona Portuária do Rio de Janeiro), isso é verdade apenas no nosso tempo, o tempo humano, insignificamente curto frente à imensidão do tempo da natureza. Estamos degradando severamente a natureza do nosso tempo. Crises e custos muito elevados decorrentes das mudanças climáticas, da crise de biodiversidade e outros “Limites do Planeta”



já estão contratados. Já não são mais evitáveis mesmo nos cenários mais otimistas.

Atenção: a escolha do tamanho do estrago e dos prejuízos ao bem-estar da humanidade ainda está em nossas mãos, corações e mentes. Entre fazer uma revolução e conseguir que o aquecimento global, até o final do século, fique em 2 graus Celsius (algo já muito custoso em vidas, sofrimento, bem-estar e dinheiro, o mesmo dinheiro que é necessário para educação, saneamento, saúde, segurança etc.), ou 5 graus Celsius se nada for feito, a diferença no tamanho da tragédia é abissal.

O mesmo se aplica à crise de biodiversidade, à extinção das espécies. Já não é mais evitável a extinção de mais de 20% das espécies vivas até pouco depois da metade do século. Se esse processo não for interrompido drasticamente, será muito mais.

Esqueçamos a visão simplista e enganosa de que a natureza tem um problema.

No tempo dela, de muitos milhões de anos, o estrago que a humanidade está causando não passa de um piscar de olhos do qual ela facilmente se recupera.

A questão não é “meio ambiente” ou desenvolvimento. A questão é que não haverá desenvolvimento, nem econômico, nem social, sem que a humanidade altere a forma como consumimos e produzimos.

Quem tem um problema com a degradação que estamos provocando é a natureza do nosso tempinho curto. Essa maravilhosa biodiversidade que amamos. E quem tem um gigantesco problema somos nós, sete bilhões de humanos hoje e 10 amanhã.

A escolha do tamanho do estrago e dos prejuízos ao bem-estar da humanidade ainda está em nossas mãos.

** Sérgio Besserman Vianna é
Presidente do Instituto Jardim
Botânico do Rio de Janeiro*

Transcrito de O Globo



***Que o seu chegar seja mais que
um simples chegar. Que seja o símbolo
de um tempo de demoras e permanência.
Que nossa fome de amor
seja sempre saciada nos olhares dos
quais nos serviremos.***

Fábio de Melo



Feliz Páscoa

Carlos Alberto Libânio Christo *

Feliz Páscoa aos que desdobram a subjetividade, rompendo a casca do ego para deixar renascer a mulher ou o homem novo, e a quem se nutre de TV sem enxergar as maravilhas encerradas no próprio peito.

Feliz Páscoa aos artífices da paz que, entre conflitos, exalam suavidade, não achibatam com a língua a fama alheia, nem naufragam nas próprias feridas. E aos emotivos que deixam escapar das mãos as rédeas da paciência e nunca abandonam as esporas da ansiedade.

Feliz Páscoa aos que tecem com o olhar o perfil da alma e, no silêncio dos toques, curam a pele de toda aspereza. E aos amantes tragados pelo ritmo incessante de trabalho, carentes de carícias, que postergam para o futuro o presente que nunca se dão.

Feliz Páscoa a quem acredita ser o ovo portador de vida, sem que a fé exija que o quebre, e aos incrédulos e a todos que jamais dobraram os joelhos diante do mistério divino.

Feliz Páscoa aos que identificam as trilhas aventureiras da vida mapeadas na geografia de suas rugas e não se envergonham da topografia disforme de seus corpos. E a todos aqueles que, robotizados pela moda, se revestem de estátuas gregas carcomidas pela anorexia, sem se dar conta de que a mentemente.

Feliz Páscoa aos que ousam ser gentis e doces, sem pudor de abraçar o menino que carregam dentro de si. E aos afoitos, competitivos, turbina-dos e sarados, enamorados da própria vaidade, incapazes de suportar uma fila de espera.

Feliz Páscoa aos que sabem amarrar o seu burrico à som-

bra da sabedoria e jamais negociam a felicidade em troca de uma arroba de milho que, vista à distância, parece pepita de ouro. E aos idólatras do dinheiro, fiéis devotos dos oráculos do mercado, reféns de pobres desejos que, saciados de supérfluos, nunca alcançam o essencial.

Feliz Páscoa a quem abre caminhos com os próprios passos e cultiva em seus jardins a rosa dos ventos. E aos que colhem borboletas ao alvorecer e sabem que a beleza é filha do silêncio.

Feliz Páscoa aos que garimpam utopias nos campos da miséria e trazem seus corações prenhes de indignação, sem jamais olvidar o próximo como seu semelhante. E aos que, montados na indiferença, atropelam delicadezas, até que a dor lhes abra a porta do amor.

Feliz Páscoa aos que nunca fecham a janela ao horizonte, regam suas raízes e não temem pisar descalços a terra em que nasceram. E aos que se embriagam de chuvas, ofertam luas à namorada e fazem da poesia a sua lógica.

Feliz Páscoa aos colecionadores de araucárias, que enfeitam de sonhos suas florescitas e, na primavera, colhem frutos de plenitude. E aos que brincam de amarelinha ao entardecer e desconfiam dos adultos exilados da alegria.

Feliz Páscoa aos que se repartem nas esquinas, distribuem aos passantes moedas de sol e, nada tendo, nada temem. E aos que, ao desjejum, abrem sua caixa de mágoas e recontam uma a uma, gravando nos cadernos do afeto dívidas e juros.

Feliz Páscoa aos que caminham sobre tatames e, por terem muita pressa de chegar, jamais correm. E aos navegadores solitários, pilotos cegos e peregrinos mancos, que se arrastam pelas trilhas da desesperança.

Feliz Páscoa aos políticos obrigados a inventar, para os outros, o futuro que não se deram no passado, e estendem sorrisos para mendigar votos. E aos que não se deixam iludir pela insipidez da política e nem atiram seus votos na lixeira do desinteresse, alimentando ratos.

Feliz Páscoa aos trovadores de esperanças, aos fazendeiros do ar e aos banqueiros da generosidade, que sabem tirar água do próprio poço. E aos que mantêm em cada esquina oficinas de conserto do mundo, mas desconhecem as ferramentas que arrancam as dobradiças do egoísmo.

Feliz Páscoa a quem seqüestra o melhor de si, escondendo-o nas cavernas de suas mesquinhas ambições, sem coragem de pagar o res-

gate da humildade. E aos que nunca banem do espírito a presença de Deus e fazem da vida uma oração.

Feliz Páscoa às bailarinas fantasiadas de anjos que sobem, na ponta dos pés, a curva policrômica do arco-íris, e aos palhaços ovacionados que, no camarim, se miram tristes no espelho, vazios da euforia que provocam.

Feliz Páscoa aos que descobrem Deus escondido numa

compota de figos em calda ou no vaga-lume que risca um ponto de luz na noite desestrelada. E aos que aprendem a morrer, todos os dias, para os apegos de desimportância e, livres e leves, alçam vôo rumo ao oceano da transcendência.

** Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Beto) é frade dominicano, nascido em Minas Gerais, e é escritor, autor de "Batismo de Sangue", entre outros livros.*

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato & razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



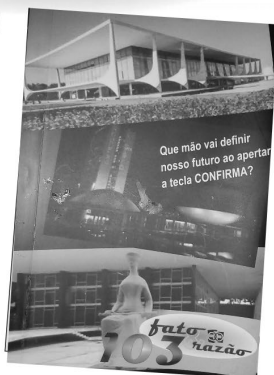
Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



Para quem pensa que escola é prédio

Vera Iaconelli*

Quando pequena, minha filha soltou uma frase que me deixou horrorizada: "Detesto matemática". Como uma criança que está apenas começando a aprender um assunto tão rico e desafiante pode emitir uma opinião pesada dessas?

Foi preciso que um novo professor, sensível à sua dificuldade, aparecesse para reverter a situação. Chamando-a de "senhorita" carinhosamente, foi puxando o fio de seu interesse e curiosidade ao mesmo tempo em que incentivava sua perseverança. Re-

sultado: o amor e aprendizagem da matemática.

Passado um tempo, na fila para comprar fichas da festa junina da escola, minha filha me alertou que seu professor estava na barraca.

A cena que se seguiu foi puro constrangimento. Não me furtei a derramar elogios a um senhor de chapéu de palha e cavanhaque falso, acudado em um quadrado decorado com bandeirinhas. A fila engrossava enquanto eu, emocionada, dizia tudo que penso sobre a incrível tarefa de educar e sobre seu talento pessoal. Minha filha

se escondia atrás de mim, imaginando como seria voltar para escola depois de seu professor preferido ter sido assediado por sua mãe agridecida — tipo bem constrangedor. Talvez ele conte essa anedota para ilustrar embaraços da profissão.

Explico meu entusiasmo. O caso é que não se vê outra saída que não a educação para grande parte dos problemas que enfrentamos. Não há estudo relativo aos problemas no trânsito, ao voto consciente, à cidadania, ao racismo, à violência obstétrica ou às drogas que não desemboque na necessidade de investir em educação.

Educação não pode ser confundida com acúmulo de informações, obviamente, pois isso a internet oferece, e qualquer criança que já saiba sentar tem acesso a ela. Ao contrário, trata-se da capacidade de lidar criticamente com as inúmeras informações que chegam.

Não temos mais como proteger nossos filhos dos conteúdos, como gostaríamos, nem como deveríamos, mas temos como ajudá-los a questionar, avaliar. Mais do que nunca o papel do mediador entre o mundo e a criança se torna fundamental. Como professores e pais, não nos furtemos do nosso papel.

Os pais têm investido pesado no ensino particular desde que a escola pública foi deixando de ser a melhor opção, destinando uma porcentagem considerável da renda familiar à escolaridade dos filhos. Isso revela um crescente reconhecimento da importância da escola? Depende do que cada um entende por “escola”.

Promessas como prédios que mais parecem shoppings ou bunkers e a febre da educação bilíngue muitas vezes passam bem longe da preocupação com a qualidade da proposta pedagógica e, mais longe ainda, das condições de trabalho do profissional que se ocupa diretamente dos nossos filhos.

Lembremos que, mesmo quando a proposta pedagógica de uma escola é excelente, não são os donos do negócio que a executam. São os professores, no dia a dia com crianças e jovens, que transmitem aquilo a que desejamos tanto que eles tenham acesso: amor pelo conhecimento, espírito cooperativo, pensamento crítico.

Minhas filhas tiveram o privilégio de estudar em escolas excelentes, com instalações apropriadas e projetos pedagógicos arrojados, mas não foi aí que se deu a diferença. Foi isso que tentei expressar com excessivo

entusiasmo ao professor de matemática.

Quando vamos encarar que a falta de investimento em educação vem paralisando o país ao longo de décadas e, diferentemente da greve dos caminhoneiros, não se regularizará em dias? Os jovens que saíram às ruas e escreveram manifestos em solidariedade à greve dos professores da rede particular parecem saber algo sobre isso. Sugiro que os escutemos.

Vera Iaconelli é Psicanalista, fala sobre relações entre pais e filhos, mudanças de costumes e novas famílias do século 21.

Transcrito da Folha de São Paulo



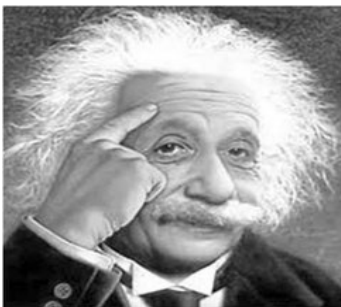
PROPOSTA DE REFLEXÃO:

- 1) No processo educativo quem educa a quem?
- 2) Quando a educação pode ser dada como encerrada?



Conheço muitos que não puderam, quando deviam, porque não quiseram quando podiam.

François Rabelais



“Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”

Albert Einstein

*Não existe fracasso no erro.
O fracasso está na desistência*
Half Neider



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA

Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais
mfc.livraria@gmail.com



TEMA 2: RELACIONAMENTO HUMANO

4º MÓDULO: VIRTUDES E HÁBITOS: UM CAMINHO DE APERFEIÇOAMENTO (Parte 1)

ORAÇÃO INICIAL

Estamos no tempo da Quaresma, refletindo com a Igreja sobre o tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016: "Casa comum, nossa responsabilidade". Rezemos a Oração da Campanha:

"Deus da vida, da justiça e do amor, Vós fizestes com ternura o nosso planeta, morada de todas as espécies e povos.

Dai-nos assumir, na força da fé e em irmandade ecumênica, a corresponsabilidade na construção de um mundo sustentável e justo para todos.

No seguimento de Jesus, com a alegria do Evangelho e com a opção pelos pobres. Amém".

INTRODUÇÃO

Muitos já ouviram a expressão "viver por viver", que traduz uma espécie de postura acomodada ou descompromissada ou mesmo desiludida, do tipo "deixar a vida nos levar". Diversas, certamente, são as motivações que levam pessoas a



assumirem essa atitude perante suas próprias vidas e não é nossa intenção fazer um aprofundamento do porquê agem assim. Entretanto, acreditamos que seja tarefa cristã a busca de uma convivência mais feliz para a espécie humana.

Despertar para ver a própria vida e então encontrar possibilidades de mudança apresentam-se como caminho fértil na construção de uma sociedade melhor. Não obstante nem sempre seja de execução fácil, certamente pode ser desenvolvido por qualquer pessoa que realmente deseje buscar seu próprio aperfeiçoamento e felicidade.

Sabemos que o viver bem em comunidade acha-se diretamente ligado às nossas atitudes, nosso modo de proceder. Podemos então dizer que o comportamento virtuoso de cada pessoa constitui elemento fundamental no relacionamento humano e na promoção do bem comum.

De certa forma, isso já nos é familiar, pois, quando se fala em virtudes, logo nos vêm à mente aqueles valores que distinguem uma boa pessoa e um bom cidadão dos demais. Assim, podemos entender de forma simples que virtude seja a qualidade de corresponder ao correto e desejável, a qual contribui para

que possamos viver bem com os outros.

REFLEXÃO E PARTILHA

O que é virtude, de acordo com a minha maneira de pensar?

Talvez pareça estranho e fora de moda falar em virtude nos tempos atuais, quando predomina para muitos o interesse próprio a qualquer custo, resultado de uma cultura individualista, imediatista e consumista, fartamente alimentada pelos grandes meios de comunicação social. Valores que naturalmente poderíamos esperar nos relacionamentos, como a simples prática de boas maneiras ou o agir honestamente, já não são naturais e, não raramente, apresentam-se como exceções e causam agradável surpresa aos que não os têm como referência de conduta.

É exatamente por isso que se torna essencial para os adultos o entendimento da educação como forma de intervenção do mundo, como contraponto vigoroso à visão de outros interesses, para os quais a prática das virtudes deve ser desestimulada, concretizando-se dessa forma o mecanismo de alienação das pessoas do convívio harmonioso com seus semelhantes. Note-se que são os mais jovens as vítimas mais frágeis dessa prática diabólica.

Relembrando o que foi dito no estudo sobre A importância da família em meio aos desafios da realidade atual (Tema 1 do Programa Estadual de Formação), vale reforçar para todos, em especial para a família cristã educadora, a importância de “estimular os mais jovens para o cultivo de valores que aprendemos em nossos lares como a honestidade, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito e o perdão, dentre outros”.

Cultivar tais valores assemelha-se a cuidar de uma planta. É necessário atentar para o hábito de aguar-la com frequência, para que não seque. Assim, podemos dizer que nos aperfeiçoamos em uma atividade pelo hábito em praticá-la. Esse é um aprendizado interessante, que herdamos do pensamento da Antiguidade e que pode nos ajudar a entender melhor o desenvolvimento das virtudes.

Desde já, podemos ter como certa uma coisa, pelo menos: tal desenvolvimento depende muito do querer e do consequente esforço de cada um. Uma segunda conclusão, que nos é assegurada pela fé cristã, é que podemos contar, nessa empreitada, com a imprescindível luz da ajuda divina.

REFLEXÃO E PARTILHA

Conhecemos pessoas virtuosas?

Se, por um lado, o comportamento virtuoso é elemento facilitador do convívio entre as pessoas, sua ausência constitui obstáculo à harmonia relacional. Vamos a uma situação corriqueira: As sacolas dos supermercados estão cada vez mais finas e difíceis de serem abertas. Um senhor pede à funcionária do caixa ajuda para abrir uma delas e escuta a áspera resposta: “Isso não é minha função...”. Talvez ela tenha sido orientada pelo supervisor a não “perder tempo” e a aumentar a velocidade de atendimento no caixa, mas aquela atitude não dá resultado e acontece o contrário: a fila para. Enquanto isso, os demais clientes resmungam, expressando seu descontentamento... Em outro cenário, uma mulher atravessa uma rua na faixa de pedestres movendo-se o mais rápido possível, com ajuda de sua bengala.

Então o sinal do trânsito abre para os carros e, quase que imediatamente, os motoristas buzina repetidas vezes...

Nossa capacidade de lidar com limitações do convívio social está se mostrando cada vez mais reduzida. Situações comuns despertam a agressividade e a estupidez das pessoas revelando a ausência de hábitos simples que em muito

facilitariam as coisas, como o da gentileza com os outros.

Custa muito pouco segurar a porta da entrada para quem vem logo atrás de mim, assim como é extremamente simples oferecer um bom-dia (!) aos familiares ou aos colegas de trabalho. Inúmeras e grandes portas são abertas por meio da prática das boas maneiras.

Entretanto, nenhum comportamento se consolida e, portanto, se torna efetivo, se não nos empenharmos para desenvolver o hábito de fazê-lo. Assim como “o uso do cachimbo põe a boca torta”, ilustrando os efeitos de maus hábitos que criamos, há uma grande variedade de exemplos de bons costumes que nossos educadores nos ensinaram e que nos ajudam a nos relacionar melhor com os outros, como pedir licença para entrar em algum lugar, não falar ao mesmo tempo que outra pessoa, respeitar seu lugar em uma fila e assim por diante.

Além do insubstituível papel de pais e educadores na insistência com as crianças no processo educacional, os dias atuais requerem que também adultos estejam atentos ao seu próprio comportamento. Não se podem desconsiderar os maus hábitos que adquirimos ao longo da nossa vida ou mesmo a falta dos bons. Contudo, é sempre tempo de

agregar valor ao nosso relacionamento com os outros; um caminho para isso seria a tentativa de incorporar hábitos saudáveis, como o da prática da gentileza. Já sabemos que gentileza atrai gentileza, não é? Então por que não tentar ser um pouco mais agradável com os outros? Assim a gente começa a mudar o lar, o bairro, a cidade,... Alguém já disse, com muita sabedoria, que a humanidade não inventa a doçura, mas a cultiva, se alimenta dela, e é isso que a torna mais humana.

REFLEXÃO E PARTILHA

Tenho algum exemplo de hábitos que me atrapalharam ou ajudaram a conviver?

Irmã da agressividade e da estupidez, a ira, ou cólera, coloca-se como um dos maiores desafios para os cristãos do nosso tempo. Hoje em dia não é difícil encontrar situações em que nos deixamos dominar pela raiva, como nos conhecidos episódios do cenário brasileiro causados, por exemplo, por preferências políticas e de times de futebol; consequentemente, estamos causando danos a nós mesmos e a nossos irmãos.

Ao refletirmos sobre as causas desse sentimento tão ruim, encontramos um leque de possibilidades que inclui imaturidade emocional, falhas educacionais da infância e juventude, frustrações pes-

soais, predisposições temperamentais dos indivíduos e grupos, descontentamento com a qualidade de vida (familiar, profissional, social), dentre outras. Deparamo-nos, sobretudo, com a falta de perspectiva cristã em sua essência, qual seja, amar o próximo como a si mesmo.

À ira, portanto, contrapõe-se a proposta cristã, que inclui o comportamento virtuoso pautado pela paciência, pela tolerância e pelo perdão. Lembremo-nos de que carregamos o nome de seguidores de Jesus Cristo, o que estabelece a premissa de que procuramos aplicar seus ensinamentos. É dito que Gandhi, um dos nomes mais respeitados na busca de paz entre os povos na história recente, nutria profunda admiração por Jesus, mas considerava que muitos cristãos não refletiam os ensinamentos do Mestre.

REFLEXÃO E PARTILHA

Que exemplos posso dar de situações que despertam raiva em mim/nas pessoas? Temos estimulado o exercício da

prática virtuosa da paciência, da tolerância e do perdão?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS:
Ef 6, 4 – Mt 5, 38-39 – Mt 7, 7
– Mt 19, 14 – Jo 15, 12

ORAÇÃO FINAL

(sugestão)

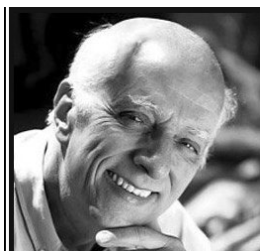
Senhor, nós te agradecemos por todos os que estamos buscando refletir e aprender, na esperança de errar menos e amar mais. Sabemos que algumas sementes podem cair em terra seca e não germinar, mas também sabemos que contamos com tua luz no caminho da busca da fortaleza e da sabedoria.

Fica conosco, Senhor, e abençoa nosso esforço. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(Fontes de consulta: Convite à filosofia (Marilena Chauí) – Pequeno tratado das grandes virtudes (André Comte-Sponville) – Ética a Nicômaco (Aristóteles) – Os pecados e as virtudes capitais (Felipe Aquino) – Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa))

Equipe de Coordenação do MFC



Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.

(Rubem Alves)



Política do luto

Alexandre Marques Cabral*

A pergunta que serve de subtítulo ao livro Quadros de guerra, de Judith Butler – a saber, “quando a vida é passível de luto?” – deveria funcionar como fio condutor das diversas práticas políticas da atualidade. Isso porque nem toda vida é enlutável. O luto não é tão democrático quanto parece. Há aqueles/as que morrem sem ser chorados/as. Estes/as não são exceções, são quase sempre a regra. Por quem as nossas lágrimas são vertidas, quando deixam de partilhar conosco a aventura da vida na Terra? Diariamente vidas desaparecem do cenário da existência e assim o fazem violentamente.

Quantos pranteiam esses adeuses? Quantos sentem o impacto dessas mortes violentas? São pessoas em situação de rua; são pessoas homossexuais e transgêneros assassinados devido à orientação sexual ou identidade de gênero; são pessoas empobrecidas, que desaparecem devido à fabricação cultural da precarização de suas vidas; são pessoas negras, descartadas pelas armas, pela fome, pela miséria.

Quem chora as suas mortes? Butler mostrou que as vidas enlutáveis são aquelas que se encaixam nos quadros culturais que condicionam nosso reconhecimento do que é uma vida digna de ser pre-

servada, defendida, valorizada, isto é, cuidada e desejada. As vidas só não são enlutáveis, porque e quando fabricadas socialmente como vidas abjetas, vidas sem lugar, vidas que podem deixar de ser, sem que a estabilidade social seja colocada em xeque.

Se o luto é socialmente condicionado, isso significa que a morte não é um fenômeno que diga respeito tão somente aos indivíduos. A morte é sempre partilhada, assim como a vida que exercemos. Morremos com os outros, para os outros, pelos outros. A morte é sempre um acontecimento relacional. Contudo, as condições históricas e culturais obscurecem a partilha da morte e, por isso, tomam o luto viável para alguns eleitos. Daí o caráter político do luto.

Todo luto assinala uma vida que importa. Todo luto mostra que alguém com nome próprio não desapareceu na força do anonimato. Por isso, o luto é um critério de avaliação política. Talvez seja um termômetro da saúde democrática de muitos povos. Quanto mais vidas enlutáveis, mais força política um povo possui. Quanto mais vidas diversas importarem e puderem ser choradas por causa de suas mortes, mais sentido a práxis política obtém. Não só isso.

O luto funciona como mobilizador político. Ele assinala que é preciso, a cada vez e sempre, lutar para que vidas subalternas, invisibilizadas e abjetas, isto é, vidas não enlutáveis possam ganhar visibilidade e ser cuidadas, desejadas e choradas caso não existam mais. Justamente aí, na percepção que resiste à abjeção, funda-se um tipo específico de espiritualidade de profundas e profícuas repercussões políticas.

Ao levarmos em conta o caráter político do luto, devemos pensar simultaneamente as estratégias de resistência às práticas de subalternização, exclusão e invisibilidade culturais de pessoas não enlutáveis. Partimos, então da experiência de que o outro rebaixado importa. Ver o subalterno como alteridade a ser acolhida e cuidada – eis a condição necessária para que o luto fecunde criativamente nossa prática política.

Trata-se de um fenômeno espiritual: deixar o outro invisível tornar-se visível e exigir o meu cuidado. Algo que esteve presente na vida de pessoas como Gandhi, Tereza de Calcutá, Francisco de Assis, Dom Helder Câmara, só para indicar alguns nomes conhecidos. Talvez seja este o sortido da espiritualidade de Jesus; fez dos

últimos os seus primeiros, fez dos abjetos o objeto primário de seu cuidado. Não somente chorou a morte do amigo Lázaro. Jesus fez dos sem-nome pessoas que importavam, colocando em xeque os quadros culturais de reconhecimento dos que podem e devem ser enlutados. Exatamente essa espiritualidade permite pensar, nos tempos atuais, a força política do luto. Esta força não se

resume à produção de lágrimas, mas à ressurreição dos subalternos. Pensar o enlutamento das vidas é repensar o direito de ser dos não enlutáveis isso, uma outra espiritualidade é preciso...

*Alexandre Marques Cabral é
Filósofo e Teólogo. Professor
da UERJ, Pastor da Igreja
Reformada Ecumênica*

Transcrito do Boletim Rede

*A vida é curta e não temos muito
tempo para alegrar os corações dos que
atravessam conosco o caminho escuro.*

Oh, corre veloz para o amor!

Apressa-se a ser benévolo

Henri Frederic





SERÃO SALVOS APENAS 144.000?

Tempo houve quando interpretações bíblicas fundamentalistas chegaram a dizer que seriam salvos somente os milhares acima citados! Com exceção do apóstolo João em Ap. 7, 4, nem mesmo Jesus nos Evangelhos falou a respeito dos que seriam salvos tão pouco Paulo escreveu sobre o assunto. Haveria conflito de tal afirmação joanina com aquela resposta que Jesus deu ao homem que lhe perguntou se a salvação que ele propunha seria para poucos? Acredita-se que não porque o Senhor respondeu-lhe dizendo que ele deveria refletir inicialmente sobre a sua salvação e de-

pois com a salvação dos outros (Lc.13,22-24).

Os 144.000 não passam de um número simbólico muito no estilo da cultura judaica. Aliás números fantásticos são muito citados na leitura bíblica! Quando assim escreviam ou falavam de números exorbitantes com relação a uma pessoa queriam dizer sobre alguém que foi em vida muito abençoada por Deus. Assim sobre este ângulo não devem haver dúvidas quando na Bíblia se lê que Adão viveu 930 anos e Noé 600 ou mesmo Matusalém que foi pai aos 187 anos e morreu com 969 anos! Somente assim poder-se-á entender também – con-

siderando o simbolismo dos números na cultura judaica – aquela resposta dada por Jesus a Pedro sobre o perdoar o próximo até sete vezes. Foi-lhe respondido: “Não lhe digo até sete vezes mas setenta vezes sete”. (Mt.8,21-22). Como se sabe o zero simbolizava entre os judeus o quase infinito e o sete era o número da perfeição. Daí o livro do Gênesis dizer que o mundo foi criado em 7 dias, número como já dito acima, como sinônimo do perfeito. Aquele número é a soma de ar + terra + água + fogo + espírito + transcendência + repouso! Mas voltemos àquela dezenas de milhares que seriam salvos.

Os salvos citados por João correspondem simbolicamente à multiplicação de 12 x 12 x 12 x 1000 vale dizer resultado da multiplicação de 12 apóstolos x 12 tribos de Israel x 12 portas de Jerusalém por onde entrarão todos os eleitos do Antigo e Novo Testamen-

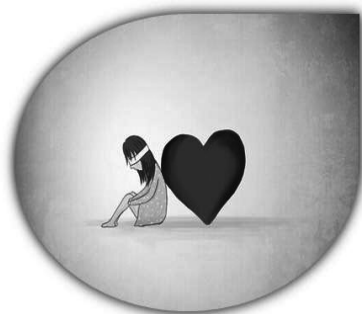
to. Realmente uma multidão porque 144.000 possui três zeros, número esse que simbolizava na cultura judaica o absolutamente incontável!

Preocupado com possível mau entendido João escreveu: “Depois disso eu vi uma multidão que ninguém podia contar, gente de todas as tribos, povos e línguas. Estavam todos de pé diante do trono do Cordeiro. Vestiam vestes brancas e traziam palmas nas mãos”. (Ap.7,9). Assim os salvos tinham roupas brancas e vencedores conduziam palmas! Longe de nos preocupar com o número dos que serão salvos lembrar do próprio João naquele grito alegre em Ap.22,17,20: “Vem Senhor Jesus!”, exclamação sem número fixo daqueles que se comprometerem com a misericórdia, com a verdade e com a justiça. Estes sim, conduzirão palmas vestidos de branco!

Itamar David Bonfatti

*Movimento Familiar
Cristão Juiz de Fora*

*O maior sofrimento é a
ausência do Amor
Paiva Netto*





SIMPLEMENTE, CIDADÃOS DE UM MUNDO SEM FRONTEIRA!

Dentro da área da genética humana, a história familiar é fundamental para que se possa entender sobre determinadas características hereditárias que são transmitidas nos cromossomos através de gerações. Durante a fecundação, sabemos que os espermatozoides carregam consigo 50% do conteúdo genômico, enquanto os óvulos outros 50%. Na formação do Zigoto, ocorre reconstituição do número de cromossomo de cada espécie, e assim se desenvolve um indivíduo. Somos, por assim dizer, portadores de informações genéticas, sendo metade materna e a outra metade paterna. E transmitimos a geração seguinte 50% dessa

combinação a nossos filhos. Uma verdadeira "loteria" de características que são passadas geração a geração.

Tradicionalmente, conhecemos nossa história familiar, seja por documentos históricos (fotos, livros, certidões, documentos, etc), ou mesmo por tradições culturais passadas adiante.

Devemos refletir que as populações deixaram de ser sedentárias e passaram a migrar de uma região para outra, explorando cada vez regiões mais distantes daquelas onde se encontravam. A própria história nos revela isso desde tempos mais remotos. E por essa migração, nosso conteúdo genético transcenderam fronteiras, deixando

povos antes isolados, por contato com outros indivíduos de outras nações, passando a ter indivíduos miscigenados. Hoje o mundo é assim. Os meios de transportes (aéreos, terrestres e marítimos) teve forte contribuição nesse “compartilhamento genético”.

Engana-se quem acredita que é “raça” pura.

A genealogia genética avalia testes genéticos de ancestralidade, possibilitando conhecer quem foram nossos antepassados, por onde andaram mundo afora, onde e quando estão firmadas nossas mais distantes raízes. Com base em padrões de variação genética que frequentemente são compartilhados entre as pessoas de mesma origem. Quanto mais relacionados são dois indivíduos, famílias ou populações, mais os padrões de variação são compartilhados. E os resultados são interessantes, pois podem mostrar a origem dos ancestrais mais distantes (maternos e/ou paternos), e também podem dar uma estimativa razoável do percentual geográfico dos seus genes (europeus, africa-

nos, ameríndios e asiáticos). Como toda análise, os testes de ancestralidade apresenta limitações, como informações étnicas disponíveis nos atuais bancos de dados genômicos.

De forma sucinta, devemos refletir sobre o que de fato somos, ou melhor, quem somos de fato. Cientificamente comprovado, portamos informações genéticas de muitas nações em nosso genoma. Isso nos aproxima ainda mais uns dos outros, derrubando fronteiras geográficas. Podemos então crer que somos aparentados, direta ou indiretamente. Assim sendo, por que destilar ódio contra um grupo étnico, sobrepujando soberania de uma nação sobre a outra? Estamos vivendo um período crítico, onde a falta de respeito ao próximo é evidente. Radicalismo, ódio, pouco diálogo. Se estamos todos ligados a nível genético, que sejamos todos fraternos irmãos, por um bem comum, a humanidade.

*Professor Dr. Carlos Magno
da Costa Maranduba é
Doutor em Genética e
Professor do Departamento
de Biologia/ICB/UFJF*

*Não possuímos nada que não tenhamos recebido
e o que foi recebido tem que ser dado
Santo Agostinho*

TEMPO PARA PENSADORES



O tempo para coisas maiores se tira de coisas menores. Para ter tempo para coisas importantes, precisa deixar de lado (passar por cima, pular) coisas de importância menor. Suaviter in modo, fortiter in re. Força na Proposta, suavidade na maneira de propor. Nunca tentar obrigar, forçar, exigir, impor, cobrar!

As situações que me foram dadas a viver me fizeram ver a missão que tenho a realizar. Preciso fazer o que posso para vencer as trevas do relativismo racionalista nas ciências deste mundo. Devo ajudar a superar a confusão de valores morais no nosso século. Colaborar para reconstruir os fundamentos racionais da fé. Tudo isso para colaborar na Cons-

trução de um mundo melhor para todos.

Argumentos complicados não conseguem alcançar a maioria dos homens do nosso tempo. Com tantas novidades a surgir nas notícias e tantas propostas apresentadas todo dia com propaganda insistente, quem ainda consegue achar um tempo para pensar? Nas escolas sobram estudos sobre pensamentos de filósofos, mas falta filosofia, reflexão pessoal. Faltam Pensadores, na Igreja e no mundo. A tarefa mais difícil é comunicar seus pensamentos e ajudar a pensar, a refletir, e a oferecer seus pensamentos. Este mundo não precisa de estudantes que fiquem decorando teorias de Filósofos de outros tempos. Precisamos de filósofos.

PRECISAMOS DE TEÓLOGOS.

O estudo da teologia não pode limitar-se decorar teorias de Teólogos do passado. Tenho a impressão que já existem até teólogos sem fé. Alguns estudiosos de hoje fazem sucesso com livres pesados de velhas teorias de antigos teólogos escritores.

Cheios de preconceitos pseudocientíficos, alguns deles nem aceitam o valor histórico dos textos escritos no Novo Testamento. Quanto ao AT, é jogado quase todo na categoria da mitologia. Adeptos de Bultmann querem detetizar tudo com o veneno da desmitologização. Nem nos Evangelhos não querem ver a Palavra de Deus, nem mesmo no Cristo. Não enxergam nos milagres sinais da presença de Deus que veio estar conosco para que possamos estar com ele desde agora e participar da vida divina.

Livros de novos “teólogos” deixam ver a confusão que reina no campo da filosofia e da teologia. Num relativismo absoluto conservam noções tradicionais como Filho de Deus, Encarnação, Trindade, Criação, mas alteram e esvaziam o conteúdo dessas palavras essenciais da fé dos cristãos. Dos católicos, pelo menos.

Como podemos ajudar os leitores deste século cheio de ciências a perceber o valor histórico dos textos do Novo Testamento e reconhecer no Evangelho a Palavra de Deus para nós? Como contribuir para que possam crer mesmo sem ver as intervenções do poder de Deus nos milagres realizados para apoiar a fé daqueles que viram e creram como Tomé?

Jequié, 03 02 2015

*Cristiano Krapf, aposen-
tado, mas não parado*



Você almeja viver sem conflitos?



Deonira L. Viganó La Rosa

Conflitos são situações em que se experimentam desencontros e contradições. Em si, são normais. São neutros. Fazem parte de qualquer sistema vivo que cresce e se desenvolve, portanto, acontecem com todas as pessoas, famílias e sociedades. Os conflitos são a condição fundamental para o desenvolvimento, desde que o sistema tenha condições de resolvê-los.

A família é um sistema dentro de outro sistema maior - a Sociedade. Da interação entre os membros da família, e destes com os grupos fora da família, resultam muitas mudanças. Aquelas pessoas e grupos que mudam vão

pressionar aqueles que não mudam. Estes vão reagir para conservar-se como estão. Então surgem forças contrárias - Ação e Reação - e surgem os conflitos. Quanto mais diversidade, mais conflitos. Sem esquecer que existem os conflitos internos à própria pessoa: Decidir se vou ao cinema ou ao teatro, que acontecem no mesmo dia e horário; decidir se peço aumento, já que tenho medo de ser despedido; decidir se curso medicina, ou engenharia, etc.

A negação do conflito

Negar o conflito é viver fora da realidade. É não encarar os fatos. É idealizar a própria vida, imaginando que quem ama não pode ter conflitos. É desejar a unanimidade e negar as diferenças. É man-

ter a ordem estabelecida por medo do desconhecido. É uma maneira de defender-se do questionamento dos outros. É como ter a paz dos cemitérios onde não há vida, nem crescimento e nem dinamismo. Pode ser um indicador de que uma das pessoas está se anulando frente à outra, ou que é dominadora, não permitindo a discordância.

Vantagens e desvantagens

Oposições ajudam a construir a própria identidade. Ajudam-me a ver que não sou o dono da verdade. Oportunizam-me examinar minha imagem assim como o outro a vê. Permitem revelar minha face escondida e, sobretudo, permitem o crescimento, a evolução, a mudança. Reconheço que o outro é diferente de mim. Descubro que o outro não é feito de massa de modelar. O outro não poderia revelar-se como é se houvesse negação do afrontamento e eu não poderia conhecê-lo.

Conflitos provocam a atualização de paradigmas e a libertação das formas arcaicas de manifestação do poder do gênero masculino (e feminino).

Como desvantagem, a violência é o grande risco: uma das pessoas reage de maneira desmedida e usa todo tipo de palavra violenta e até a violência física. Ou grupos reagem violentamente contra outros.

Administrar e resolver conflitos

A capacidade de resolver conflitos é uma capacidade social essencial para a construção da paz e para poder levar uma vida útil, caracterizada por relações sinceras e solidárias. Conflitos mal resolvidos podem levar à fadiga e provocar a separação.

A recusa ao diálogo é o primeiro passo para a não resolução dos conflitos. A prática da tolerância é fundamental. Importante é conhecer alternativas de solução para as situações conflituosas e libertar-se do paradigma "ganhar-perder", absorvendo a cooperação. Necessário desenvolver permanentemente a capacidade do autocontrole e ter intenção de buscar a paz.

Conflitos no casal

São frequentes: A descoberta dos defeitos do outro, a frustração: ele, ela não me compreende; detesto determinado comportamento dele(-dela); ele(ela) não era assim; pensei que mudaria; será que me equivoquei casando com ele, ela?; o meu vizinho, a minha vizinha de sala sim são elegantes, delicados(as)!!!

Problemas pessoais mal resolvidos; mau uso da liberdade; diferentes modos de lidar com a sexualidade; a comunicação (a mulher falando demais e excesso de silêncio

no homem); o mau uso do dinheiro; a dificuldade de lidar com os filhos; as tarefas domésticas mal distribuídas; dificuldades em torno da profissão, do trabalho fora de casa. Enfim não admitir que homem e mulher são diferentes e não saber lidar com a diferença.

Posturas recomendadas

Para que o conflito seja aliado das pessoas, do casal e da família, e não um acelerador de rompimentos, algumas posturas são recomendadas:

Pergunte-se: O que nos afasta? O que nos aproxima? Em vez de gritar, fale de seus sentimentos e ouça as necessidades do outro; não tente que

o outro entenda da mesma maneira que você entende; fale sem culpar, acusar, criticar; não demonstre desprezo (jamais); não faça chantagem; não interrompa o outro quando está falando e não discuta em lugares públicos. Sexo não resolve os problemas.

Comportamentos como culpar, desconfiar, comandar, ameaçar, desvalorizar, desconfirmar, negar o perdão e ficar ressentido servem somente para aguçar conflitos ao invés de resolvê-los.

*Deonira L. Viganó La Rosa
é Terapeuta de Casal e de
Família. Mestre em Psicologia*

Absorva a essência da vida da mesma maneira que sente a fragrância de uma flor, com delicadeza e profundidade, sensibilidade e apreciação

B.K.S. Iyengar





Aos 80

Anna Veronica Mautner*

Envelhecer não é só perder força muscular e, consequentemente, ter a pele menos flexível. Assim sendo, o que há de importante no envelhecer é a mudança que ocorre na relação do eu (corpo e pele) com o mundo.

Quando a intensidade do querer vai diminuindo, muitas mudanças ocorrem ao mesmo tempo. Quando o meu querer é menos intenso, vou dando importância cada vez menor a conseguir o que não está diretamente ao meu alcance.

Quando eu quero com força, estou dando uma importância grande ao que não tenho e dizendo ao mesmo tempo que acredito na possibilidade de vir a ter o que estou querendo.

Junto com o enfraqueci-

mento do “querer” também enfraquece a força da esperança. Viver sem esperança é difícil. Para não doer muito essa falta, diminuo essa sensação de querer.

É sempre importante acreditar que vale a pena esperar. A gente batalha quando prevê a possibilidade de conseguir. Neste lugar está o receptáculo da consciência. Preciso acreditar que sou capaz de querer isto com tanta força que passo a acreditar que vale a pena; que vai ser bom “pra mim”.

Muitas vezes queremos conseguir para diminuir a angústia do vazio; muitas vezes queremos vitória apenas para nos sentirmos fortes. Outras inúmeras vezes queremos paz, tão somente. Todo esse sobe e desce está em quanta energia coloco no querer e na batalha para conseguir.

Tudo isso depende do quanto do tipo de energia que coloco no querer e na luta para conseguir. Nada disso ocorre quando a confiança em mim mesma está abalada. É complicado ter fé nas minhas possibilidades, na minha competência e no valor do prêmio – objeto da fé.

Quando a gente é criança, não se conhece bem. Mede-se mal a competência na adolescência; com o tempo, vamos aprimorando a percepção de si e do mundo. Chamarei de maturidade o equilíbrio do que é a consciência da memória que temos do resultado das lutas já empreendidas e de tudo o que essa batalha ininterrupta nos ensinou.

É preciso uma boa dose de autoconhecimento para vencer. Preciso ver se a luta vale a pena. É preciso ver se a luta vale o valor do prêmio – objeto da fé.

Do começo da vida, em que mais perdemos do que ganhamos, vamos até a sa-

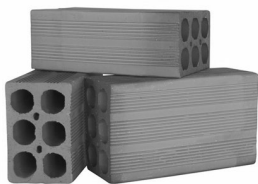
bedoria do envelhecimento. É a linha seguida pelos que não morrem cedo. Morrer cedo é perder a chance de terminar a tarefa que nos coube no bem viver. Morrer cedo é deixar a tarefa individual inacabada. Lutamos, perdemos e também ganhamos na sabedoria do envelhecer bem vivido. Envelhecer bem é lembrar tudo aquilo que se aprendeu vivendo.

Envelhecer bem é dar risada das rugas – traços do envelhecimento.

**Anna Veronica Mautner é
Psicanalista da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de São
Paulo e autora de "Cotidiano
nas Entrelinhas" (ed. Ágora)*

Transcrito da Folha de São Paulo

N.E – Excepcionalmente publicamos dois textos da mesma autoria em homenagem à memória dessa extraordinária profissional recentemente falecida.



*O fundamental já nos foi entregue,
mas o que agora temos diante de
nossos olhos é a árdua tarefa de
levantar as paredes da construção
que poderemos ser. Cada ser humano,
ao seu modo e tempo, vive
esta aventura de desvendar-se.
Fábio de Melo*

Francisco e Imã - Fraternidade



VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO AOS
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
3-5 DE FEVEREIRO DE 2019

DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA EM
PROL DA PAZ MUNDIAL E DA CONVIVÊNCIA COMUM

(Assinado por Francisco e GrãoImame de
Al-AzharAhmad Al-Tayyeb)

Imame, imamo ou imã (/iˈmaːm/; em **árabe**: إمام *imām*; plural: أئمة *a'immah* lit. "guia espiritual", "condutor") é um título muçulmano que designa o sacerdote encarregado de dirigir as preces na **mesquita**. Historicamente foi um título dado aos professores de direito e teologia islâmicas e aos **califas**, bem como é usado pelos soberanos do **Jêmem**.^[1] Designa-se por **imamado** ou **imamato** (em **árabe**: الإمامة; transl.: *imāma*, lit. "liderança suprema") o cargo ou dignidade de um **imame**, o território sob sua alçada e/ou sua missão espiritual.^[2] [Wikipédia]

PREFÁCIO

A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Miseri-

córdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres.

Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos mass-media, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos.

De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste «Documento sobre a Fraternidade Humana». Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compre-

ensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos.

DOCUMENTO

Em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz.

Em nome da alma humana inocente que Deus proibiu de matar, afirmando que qualquer um que mate uma pessoa é como se tivesse morto toda a humanidade e quem quer que salve uma pessoa é como se tivesse salvo toda a humanidade.

Em nome dos pobres, dos miseráveis, dos necessitados e dos marginalizados, a quem Deus ordenou socorrer como um dever exigido a todos os homens e de modo particular às pessoas facultosas e abastadas.

Em nome dos órfãos, das viúvas, dos refugiados e dos exilados das suas casas e dos seus países; de todas as vítimas das guerras, das perseguições e das injustiças; dos fracos, de quantos vivem no medo, dos prisioneiros de guerra e dos torturados em qualquer parte do mundo, sem distinção alguma.

Em nome dos povos que perderam a segurança, a paz e a convivência comum, tornando-se vítimas das destruições, das ruínas e das guerras.

Em nome da «fraternidade humana», que abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais.

Em nome desta fraternidade dilacerada pelas políticas de integralismo e divisão e pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens.

Em nome da liberdade, que Deus deu a todos os seres humanos, criando-os livres e enobrecendo-os com ela.

Em nome da justiça e da misericórdia, fundamentos da prosperidade e pilares da fé.

Em nome de todas as pessoas de boa vontade, presentes em todos os cantos da terra.

Em nome de Deus e de tudo isto, Al-Azhar al-Sharif – com os muçulmanos do Oriente e do Ocidente – juntamente com a Igreja Católica – com os católicos do Oriente e do Ocidente – declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério.

Nós – crentes em Deus, no encontro final com Ele e

no Seu Julgamento –, a partir da nossa responsabilidade religiosa e moral e através deste Documento, rogamos a nós mesmos e aos líderes do mundo inteiro, aos artífices da política internacional e da economia mundial, para se comprometer seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente e acabar com as guerras, os conflitos, a degradação ambiental e o declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente.

Dirigimo-nos aos intelectuais, aos filósofos, aos homens de religião, aos artistas, aos operadores dos mass-media e aos homens de cultura em todo o mundo, para que redescubram os valores da paz, da justiça, do bem, da beleza, da fraternidade humana e da convivência comum, para confirmar a importância destes valores como âncora de salvação para todos e procurar difundir-los por toda a parte.

Partindo duma reflexão profunda sobre a nossa realidade contemporânea, apreciando os seus êxitos e vivendo as suas dores, os seus dramas e calamidades, esta Declaração acredita firmemente que, entre as causas mais importantes da crise do mundo mo-

dermo, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentais.

Nós, embora reconhecendo os passos positivos que a nossa civilização moderna tem feito nos campos da ciência, da tecnologia, da medicina, da indústria e do bem-estar, particularmente nos países desenvolvidos, ressaltamos que, juntamente com tais progressos históricos, grandes e apreciados, se verifica uma deterioração da ética, que condiciona a atividade internacional, e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade. Tudo isto contribui para disseminar uma sensação geral de frustração, solidão e desespero, levando muitos a cair na voragem do extremismo ateu e agnóstico ou então no integralismo religioso, no extremismo e no fundamentalismo cego, arrastando assim outras pessoas a render-se a formas de dependência e autodestruição individual e coletiva.

A história afirma que o extremismo religioso e nacional e a intolerância geraram no mundo, quer no Ocidente

quer no Oriente, aquilo que se poderia chamar os sinais duma «terceira guerra mundial aos pedaços»; sinais que, em várias partes do mundo e em diferentes condições trágicas, começaram a mostrar o seu rosto cruel; situações de que não se sabe exatamente quantas vítimas, viúvas e órfãos produziram. Além disso, existem outras áreas que se preparam a tornar-se palco de novos conflitos, onde nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, numa situação mundial dominada pela incerteza, pela decepção e pelo medo do futuro e controlada por míopes interesses económicos.

Afirmamos igualmente que as graves crises políticas, a injustiça e a falta duma distribuição equitativa dos recursos naturais – dos quais beneficia apenas uma minoria de ricos, em detrimento da maioria dos povos da terra – geraram, e continuam a fazê-lo, enormes quantidades de doentes, necessitados e mortos, causando crises letais de que são vítimas vários países, não obstante as riquezas naturais e os recursos das gerações jovens que os caracterizam. A respeito de tais crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional.

A propósito, é evidente quão essencial seja a família, como núcleo fundamental da sociedade e da humanidade, para dar à luz filhos, criá-los, educá-los, proporcionar-lhes uma moral sólida e a proteção familiar. Atacar a instituição familiar, desprezando-a ou duvidando da importância de seu papel, constitui um dos males mais perigosos do nosso tempo.

Atestamos também a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de o reanimar nos corações das novas gerações, através duma educação sadia e da adesão aos valores morais e aos justos ensinamentos religiosos, para enfrentarem as tendências individualistas, egoístas, conflituais, o radicalismo e o extremismo cego em todas as suas formas e manifestações.

O primeiro e mais importante objetivo das religiões é o de crer em Deus, honrá-Lo e chamar todos os homens a acreditarem que este universo depende de um Deus que o governa: é o Criador que nos moldou com a Sua Sabedoria divina e nos concedeu o dom da vida para o guardarmos. Um dom que ninguém tem o direito de tirar, ameaçar ou manipular a seu bel-prazer; pelo contrário, todos devem preservar este dom da vida desde o seu iní-

cio até à sua morte natural. Por isso, condenamos todas as práticas que ameaçam a vida, como os genocídios, os atos terroristas, os deslocamentos forçados, o tráfico de órgãos humanos, o aborto e a eutanásia e as políticas que apoiam tudo isto.

De igual modo declaramos – firmemente – que as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião que abusaram – nalgumas fases da história – da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens para os levar à realização daquilo que não tem nada a ver com a verdade da religião, para alcançar fins políticos e económicos mundanos e míopes. Por isso, pedimos a todos que cessem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego e deixem de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo e de opressão. Pedimo-lo pela nossa fé comum em Deus, que não criou os homens para ser assassinados ou lutar uns com

os outros, nem para ser torturados ou humilhados na sua vida e na sua existência. Com efeito Deus, o Todo-Poderoso, não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas.

Este Documento, de acordo com os Documentos Internacionais anteriores que destacaram a importância do papel das religiões na construção da paz mundial, atesta quanto segue:

- A forte convicção de que os verdadeiros ensinamentos das religiões convidam a permanecer ancorados aos valores da paz; apoiar os valores do conhecimento mútuo, da fraternidade humana e da convivência comum; restabelecer a sabedoria, a justiça e a caridade e despertar o sentido da religiosidade entre os jovens, para defender as novas gerações do domínio do pensamento materialista, do perigo das políticas da avidez do lucro desmesurado e da indiferença baseadas na lei da força e não na força da lei.

- A liberdade é um direito de toda a pessoa: cada um goza da liberdade de credo, de pensamento, de expressão e de ação. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos.

Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Por isso, condena-se o facto de forçar as pessoas a aderir a uma determinada religião ou a uma certa cultura, bem como de impor um estilo de civilização que os outros não aceitam.

- A justiça baseada na misericórdia é o caminho a percorrer para se alcançar uma vida digna, a que tem direito todo o ser humano.

- O diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas económicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do género humano.

- O diálogo entre crentes significa encontrar-se no espaço enorme dos valores espirituais, humanos e sociais comuns, e investir isto na propagação das mais altas virtudes morais que as religiões solicitam; significa também evitar as discussões inúteis.

- A proteção dos locais de culto – templos, igrejas e mesquitas – é um dever garantido pelas religiões, pelos valores humanos, pelas leis e pelas convenções internacionais. Qualquer tentativa de atacar locais de culto ou de os

ameaçar através de atentados, explosões ou demolições é um desvio dos ensinamentos das religiões, bem como uma clara violação do direito internacional.

- O terrorismo execrável que ameaça a segurança das pessoas, tanto no Oriente como no Ocidente, tanto no Norte como no Sul, espalhando pânico, terror e pessimismo não se deve à religião – embora os terroristas a instrumentalizem – mas tem origem no cúmulo de interpretações erradas dos textos religiosos, nas políticas de fome, de pobreza, de injustiça, de opressão, de arrogância; por isso, é necessário interromper o apoio aos movimentos terroristas através do fornecimento de dinheiro, de armas, de planos ou justificações e também a cobertura mediática, e considerar tudo isto como crimes internacionais que ameaçam a segurança e a paz mundial. É preciso condenar tal terrorismo em todas as suas formas e manifestações.

- O conceito de cidadania baseia-se na igualdade dos direitos e dos deveres, sob cuja sombra todos gozam da justiça. Por isso, é necessário empenhar-se por estabelecer nas nossas sociedades o conceito de cidadania plena e renunciar ao uso discriminatório do termo minorias, que traz consigo as sementes de

se sentir isolado e da inferioridade; isto prepara o terreno para as hostilidades e a discórdia e subtrai as conquistas e os direitos religiosos e civis de alguns cidadãos, discriminando-os.

- O relacionamento entre Ocidente e Oriente é uma necessidade mútua indiscutível, que não pode ser comutada nem transcurada, para que ambos se possam enriquecer mutuamente com a civilização do outro através da troca e do diálogo das culturas. O Ocidente poderia encontrar na civilização do Oriente remédios para algumas das suas doenças espirituais e religiosas causadas pelo domínio do materialismo. E o Oriente poderia encontrar na civilização do Ocidente tantos elementos que o podem ajudar a salvar-se da fragilidade, da divisão, do conflito e do declínio científico, técnico e cultural. É importante prestar atenção às diferenças religiosas, culturais e históricas que são uma componente essencial na formação da personalidade, da cultura e da civilização oriental; e é importante consolidar os direitos humanos gerais e comuns, para ajudar a garantir uma vida digna para todos os homens no Oriente e no Ocidente, evitando o uso da política de duas medidas.

- É uma necessidade indispensável reconhecer o direito

da mulher à instrução, ao trabalho, ao exercício dos seus direitos políticos. Além disso, deve-se trabalhar para libertá-la das pressões históricas e sociais contrárias aos princípios da própria fé e da própria dignidade. Também é necessário protegê-la da exploração sexual e de a tratar como mercadoria ou meio de prazer ou de ganho económico. Por isso, devem-se interromper todas as práticas desumanas e os costumes triviais que humilham a dignidade da mulher e trabalhar para modificar as leis que impedem as mulheres de gozarem plenamente dos seus direitos.

- A tutela dos direitos fundamentais das crianças a crescer num ambiente familiar, à alimentação, à educação e à assistência é um dever da família e da sociedade. Tais direitos devem ser garantidos e tutelados para que não falem e não sejam negados a nenhuma criança em nenhuma parte do mundo. É preciso condenar qualquer prática que viole a dignidade das crianças ou os seus direitos. Igualmente importante é velar contra os perigos a que estão expostas – especialmente no ambiente digital – e considerar como crime o tráfico da sua inocência e qualquer violação da sua infância.

- A proteção dos direitos dos idosos, dos vulneráveis,

dos portadores de deficiência e dos oprimidos é uma exigência religiosa e social que deve ser garantida e protegida através de legislações rigorosas e da aplicação das convenções internacionais a este respeito.

Por fim, através da cooperação conjunta, a Igreja Católica e a al-Azhar anunciam e prometem levar este Documento às Autoridades, aos Líderes influentes, aos homens de religião do mundo inteiro, às organizações regionais e internacionais competentes, às organizações da sociedade civil, às instituições religiosas e aos líderes do pensamento; e empenhar-se na divulgação dos princípios desta Declaração em todos os níveis regionais e internacionais, solicitando que se traduzam em políticas, decisões, textos legislativos, programas de estudo e materiais de comunicação.

Al-Azhar e a Igreja Católica pedem que este Documento se torne objeto de pesquisa e reflexão em todas as escolas, nas universidades e nos institutos de educação e formação, a fim de contribuir para criar novas gerações que levem o bem e a paz e defendam por todo o lado o direito dos oprimidos e dos marginalizados.

Ao concluir, almejamos que esta Declaração:

seja um convite à reconci-

liação e à fraternidade entre todos os crentes, mais ainda, entre os crentes e os não-crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade;

seja um apelo a toda a consciência viva, que repudia a violência aberrante e o extremismo cego; um apelo a quem ama os valores da tolerância e da fraternidade, promovidos e encorajados pelas religiões;

seja um testemunho da grandeza da fé em Deus, que une os corações divididos e

eleva a alma humana;

seja um símbolo do abraço entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul e entre todos aqueles que acreditam que Deus nos criou para nos conhecermos, cooperarmos entre nós e vivermos como irmãos que se amam.

Isto é o que esperamos e tentaremos realizar a fim de alcançar uma paz universal de que gozem todos os homens nesta vida.

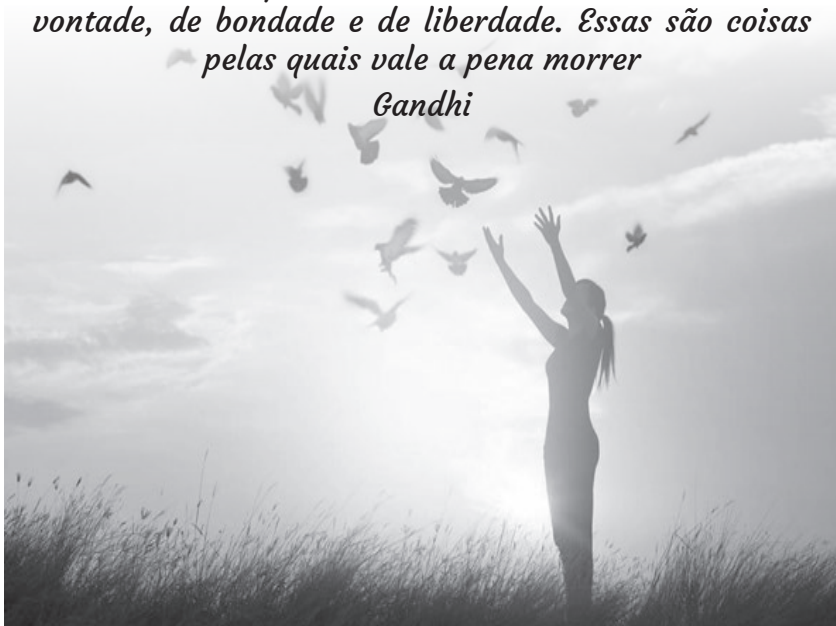
Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019.

Sua Santidade
Papa Francisco

Grão Imame de Al-Azhar
Ahmad Al-Tayyeb

Eu nunca acreditei que a sobrevivência fosse um valor último. A vida, para ser bela, deve estar cercada de vontade, de bondade e de liberdade. Essas são coisas pelas quais vale a pena morrer

Gandhi



Decálogo do Bem-Viver

Fale com as pessoas. Nada há tão agradável e animado quanto uma palavra de saudação, particularmente hoje em dia, quando precisamos mais de sorrisos amáveis.

Sorria para as pessoas. Lembre-se que acionamos 72 músculos para franzir a testa e 11 para sorrir.

Chame as pessoas pelo nome. A música mais suave para muitos é, ainda, ouvir o seu próprio nome.

Seja amigo e prestativo. Se você quiser ter amigos, seja amigo.

Seja cordial. Fale e aja com toda sinceridade, tudo o que você fizer, faça-o com todo o prazer.

Interesse-se sinceramente pelos outros. Lembre-se que você sabe o que sabe, porém você não sabe o que os outros sabem. Seja sinceramente interessado pelos outros.

Seja generoso em elogiar, cauteloso em criticar. Os líderes elogiam. Sabem encorajar, dar confiança e elevar os outros.

Saiba considerar os sentimentos dos outros. Existem três lados numa controvérsia: o seu, o do outro e o lado de quem está certo.

Preocupe-se com a opinião dos outros. Três comportamentos de um verdadeiro líder: ouça, aprenda e saiba elogiar.

Procure apresentar um excelente serviço. O que realmente vale em nossa vida é aquilo que fazemos para os outros.

